

VIDA  
MUNDIAL

4 DE OUTUBRO DE 1945  
PREÇO AVULSO 1\$80

# ILUSTRADA



**MARIA DELLA COSTA**

«A brasileira que está farta de ser bonita...»

(Ver reportagem nas págs. 20 e 21)

**6** RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE.  
(VER O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO NA PAG. 5)

VIDA MUNDIAL

# ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"  
EDITORA, LIMITADA

## PRIMEIRA COLUNA

### Lisboa e o roubo

POR MANUEL MARTINHO

**H**A gente de gravata que ainda traz no espírito o instinto primitivo das cavernas. E não há forma de pôr um dique à sua crença, só comparável ao habitante da Patagônia. Todos os dias os jornais contam a amargura e as lágrimas vertidas no Torel por famílias respeitáveis que amolecidas pelo enganoso e sedutor paleio dos vigaristas, trocaram corações, dinheiro, mal puseram o pé no Rossio, por magos fabulosos de notas — que, desembrulhados, eram papéis velhos. O processo das máquinas de fazer dinheiro — prato de sustância da rapaziada habilidosa que vive do alheio — é já tão conhecido na policia que parece ter entrado no código da legislação sem direito a punição. Sim, porque na verdade, o roubo desejava era defraudar o Banco e, implicitamente, a nação.

Calculem V. Ex.<sup>as</sup> por alto, o bonito da circulação fiduciária se amanhã quatro ou cinco labregos se lembrassem de dar maniveladas num engenho daqueles e as notas caíssem, aos montes, como o café no moínho!

As duas por três vendiam isto tudo — casa mobiliada, com criadagem de fora. Felizmente, isto não passa de vigaritar. Mas, pergunta-se:

— Onde está o vigarizado?  
 Há, apenas, entre um e outro o mesmo espírito «vigarístico» — perdõem-me o termo.  
 Com os corações, isso então nem se falava. Ainda há dias um sparkós caiu na esparrela. Vinha muito entredido, na rua do Ouro, a olhar as montras. Claro que o provinciano é característico, nem tanto pelo cheiro ou vestuário, como por aquê ar exclamativo — e, quasi sempre, pelas fitinhas do arrial lá da terra, que êle acha chique trazer na lapela.

Ora o homem em questão, remirava a porta giratória dum estabelecimento, que era muito diferente do portão do Morgado, com uma manípola de bronze — e, val dal, sentiu que lhe punham, no ombro, dois dedos.

Êle que já vinha de prevenção lá da terra — e que chegara mesmo a trazer na bagagem a caçadeira (só não a trouxe para a rua por vergonha), pôs-se logo de pé atrás, que aquillo devia ser vigarista a falar-lhe na máquina de fazer dinheiro. Mas não. Encontrou a sua frente um homenzinho, de calça apertada na canela, ainda mais provinciano do que êle, também de boca aberta, que lhe contou que chegara na véspera no combóio do Norte e andava a ver se via por ali o Tónio da Elra, seu patrício, há muitos anos em Lisboa. O outro encolheu os ombros. Não sabia. E disse-lhe, numha confidência, que a cidade era muito grande — e que ficasse como êle: sempre de olho aberto com os gatinhos, porque eram mais que esturxames de abelhas.

O homenzinho abriu a boca — e benzia-se.  
 Vai, então, êle pede-lhe isto: que lhe indicasse onde podia empenhar um grosso cordão, que era da sua Zefa, que Deus haja, até que lhe mandassem dinheiro da terra.

E repuxou dum saquinho vermelho onde escondera, preso à cinta, o grosso tesouro.

Eh! rapazes! Parecia a modos daquelas correntes dos barcos da Outra Banda. Entraram numa quarteiraria só para saberem o peso. Cento e vinte gramas! — dissera-lhe o calceteiro.

— E quanto vale, Tozinho da loja?  
 O homem lá disse por alto: quasi três contos.

Salvam. Conversa puxa conversa e o dono do cordão precisava dum conto. O outro emprestava-lhe se o cordão ficasse em seu poder. E é que ficou mesmo.

Mai meteu o dinheiro no bolso o alma danada foi tragado pela multidão. O pior, senhores, é que o cordão era de prata dourada — e valla vinte escudos para fundir.

Ratos partam a gatuagem!  
 Se valesse três contos, quem tinha só do gatufo?



- 1 Shirley é uma rapariga encantadora...
- 2 A artista em três alturas do seu carreira e do seu vida: 1934, 1938 e 1944!
- 3 Beleza e majestade? Não. Beleza e simplicidade! A Shirley é assim!
- 4 Shirley e seu marido, o sargento John Agar após o casamento

# Shirley Temple casou-se

**S**HIRLEY Temple, a artista que o público se habituou a admirar como encantadora garota casou-se há dias! E não faltará quem, ao saber da notícia, diga, saudosamente: — Com o tempo corre! Pois é verdade. A Shirley Cresce, fêz 17 anos e casou-se com o sargento do Exército americano John Agar, na elegante igreja de Wiltshire, em Los Angeles.

Talvez pudesse casar com um milionário, com um magnate do Cinema... Mas não. Preferiu casar com um rapaz que não é rico — mas de quem ela gosta.

Digam, depois, que os artistas de Hollywood não têm coração!...



# A propósito de gatos

POR ANÍBAL NAZARÉ

**A**QUI estou eu, também, a escrever sobre os gatos! E não para os defender, apesar da simpatia que por eles tenho, da séria ofensiva que o sr. Tomás da Silva iniciou no «Diário Popular», como intermeato parquedista do exército gatôfobo, porque nem sequer aninha que estejam em perigo.

As coisas, em Lisboa, não se resolvem assim, sem mais nem menos. Muito mal se disse da estátua do Marquês, ela lá está — e nem por ela damos; protestou-se contra o cuspo — e continua a cuspi-se; e nem sequer pode afirmar-se que a discussão nasce a luz, porque, apesar de tanto se discutir o assunto, o Parque Eduardo VII continua mal iluminado... Não vejo, pois, que as para mim tão simpáticas felinas alguma coisa possa perturbar a campanha ora iniciada. Pois se eles nem sequer sabem ler os artigos do sr. Tomás da Silva e seus entusiásticos acólitos...

Habitualmente, em tudo, a ter uma opinião e um partido. As vezes, quâsi sempre, as nossas opiniões e preferências não podem ser gritadas. Não é este o caso e por isso me não custa, a mim, que nem sequer tive de lançar mão da pena porque quâsi sempre a tenho entre mãos, afirmar aqui que gosto dos bichanos. Tenho algumas razões de queixa dos homens. Não me lembro que nenhum gato me fôsse desagradável. Mas ao sr. Tomás da Silva, que, nostrosamente, bebe o café mal temperado e tem três decilitros de azeite por dia, deulhe para emburrar — com os gatos! Está no seu direito, e, repito, não acredito que isso ocasione, aos bichos, grandes apreensões...

Por quê, pois, este artigo? Apenas para manifestar o meu pasmo — mais, o meu pavor! — por uma carta publicada há dias no «Popular» e assinada com as iniciais J. P. B.

O autor da epístola, conta que é empregado de escritório, vive numa casa-furtada, trabalha de noite em casa, é aficionado de pintura e gosta de quadros futuristas. Muito bem. O pior, porém, é que, nas alturas onde vive, o sr. J. P. B. sofre com os gatos, que fazem do telhado o seu «charret» nocturno. E, por isso, declara-se fervoroso adepto do «benvindo sr. Tomás da Silva», e acaba por afirmar: «Outros fôsessem os meus fundos disponíveis e o cenário seria eu a tomar a iniciativa do «bodo» aos simpatiquíssimos frequentadores e «jazzbandistas» do clube nocturno das minhas águas-furtadas!».

Ora qualquer pessoa calculará que espécie de «bodo» proporcionarão a

(Continua na pág. 15)

# Um sorriso! Olhe o passarinho!



E o processo deu resultado — e deu uma esplêndida fotografia. Simplemente o tradicional passarinho é uma ave encantadora e cara, porque o fotógrafo é — em Hollywood!...

## QUE LHE PARECE QUE SEJA ESTE HOMEM? ACTOR DE CINEMA, CÔMICO DE TEATRO OU ARTISTA DE CIRCO?...



...Final, não é nenhuma dessas coisas! Trata-se, muito simplesmente, dum sargento do nosso Exército, que nos horas vagas se entretém a fazer caretas, para algar entretenimento aos amigos.

Mas se lhes dissessemos que se tratava dum artista de Cinema estrangeiro, o leitor — vamos, confesse! — acreditava!



# \* PANORAMA \*

## PORTUGAL

Lopes de Oliveira, vigoroso escritor e panfletário, acaba de publicar «É mesmo contra a maré», um volume de memórias e de crítica que vai, certamente, obter um notável êxito de livraria.

A obra inclui, entre outros assuntos, uma parte intitulada «Sob o signo de Eça de Queiroz» e «uma mão cheia de cartas», de indiscutível interesse.



## CANADÁ

Chama-se Lenore Johannesson, é loira e acaba de ser eleita «Miss Canadá 1945!». Lenore tem apenas 17 anos e é considerada, certamente com fundadas razões, a «raçoça típica» do Canadá.

George Bernard Shaw, «o terrível G. B. S.», fez, há pouco, 90 anos.

Quando lhe perguntaram como tencionava passar o dia dos seus anos, respondeu:

— Trabalhar, como de costume, não estar em casa para os visitantes e desligar o telefone para que ninguém me mace com parabéns!...

## INGLATERRA



Pietro Mascagni, o famoso compositor, faleceu, em Roma, com 81 anos.

Depois do sua popular ópera «Cavallaria Rusticana», escreveu várias outras obras que não tiveram sucesso, o que o fez ter a seguinte iras:—Que pena eu ter começado por escrever a «Cavallaria»! Assim, fui coarado antes de ser rei!

## ITALIA



Libada da acusação de "colaboracionista"

DANIËLLE DARRIEUX

regressa aos estúdios



**J**A já vai o mau tempo! Daniëlle Darrieux não se quer lembrar dessas penosidades que sucederam à libertação da França. A sua situação, como a de Chevalier e Sacha Guitry, era nebulosa. Diziam-na «colaboracionista». E apontava-se a circunstância de ter interpretado filmes que se verificaram haverem sido produzidos e capitalizados por alemães. Daniëlle, casada com o diplomata sul-americano Roberto Rubirosa, esteve em Lisboa, em lua de mel. Mais tarde, foi para a Suíça. Regressou à França pouco antes da libertação. O seu nome andou então nas gaxetas, com certa insistência. Noticiou-se, até, um atentado contra a vedeta, quando percorria Paris, num «jeep» americano. Tudo se esclareceu, porém. Sacha Guitry foi poeta em liberdade. Chevalier filma, neste momento, «Sept Jours au Paradis», nos estúdios de Nice. E Daniëlle conclui «Au Petit Bonheur», e vai interpretar, a seguir, «Adieu Chérie», que será realizado por Raymond Bernard, veterano do cinema francês.

Daniëlle, a mais popular vedeta feminina do cinema francês, está a trabalhar intensivamente. Eis um facto que é um bom sintoma — e que marca, até certo ponto, a ressurreição da indústria de filmes de além-Pireneus.



Na pureza das suas linhas, na expressão do seu rosto, onde há qualquer coisa de imaterial — Veronique Lake podia bem figurar como uma Madona do século XX e inspirar poetas e pintores.

## O ETERNO TEMA

**A** crise do Bom-Senso continua a ser o pior mal do cinema português. Ela explica, só por si, todos os anacronismos, disparates e fantaisias que se toparam, diariamente, no pitoresco e desconcertante meio cinematográfico português. E, sob este ponto, vamos de mal a pior, como se as pessoas e as coisas ligadas à indústria rolassem num plano inclinado, dos que levam a um destino irremissível.

Se o Bom-Senso não houvesse sido afastado sistemáticamente da maior parte das iniciativas e empreendimentos levados a cabo — sabe Deus como! — não nos resta dúvida de que as coisas que nos suscitam reprocos se teriam passado de forma mais consentânea com os ditames da experiência e da prudência.

As notícias que circulam nos chamados «meios geralmente bem informados» são de estarrecer! No momento em que Carey Wilson, o das famosas «Miniaturas», tenta, anóni mente, a realização da primeira película de longa metragem — todos os dias, no abençoado terreno do Lumiar, nascem realizadores e se improvisam técnicos como se o cinema fosse uma espécie de sarampo — e se apanhase, por contágio. Se o Bom-Senso pudesse fazer ouvir aviando conselhos, é de ver que estas coisas não se tomariam a sério, e não adiriam, consequentemente, as fustasas consequências que a atitude contrária comporta. Anunciaram-se, para breve, novos filmes. E a gente pasma das idéias que acodem aos cérebros dos produtores. Ora são filmes que estão fora das nossas possibilidades comerciais, pelo seu custo excessivo, ora se trata de produções que não deveriam tentar, por irmos buscar deliberadamente o cotejo com o cinema americano. Levámos anos a fazer fitas de salões e de ambientes rústicos. Agora calmos nos «pôdre de chic», no «romântico», no «plus beau que nature» — tipo de filmes que nos lembra certos frutos muito bonitos e luzidios por fora, mas sorvados por dentro...

E que dizer das obras que vão para o estúdio e sem a indispensável preparação, sem um plano de trabalho criteriosamente organizado? E das «sequipes» constituídas «ad hoc», com técnicos e profissionais inventados à última hora! O cinema foi invadido, ultimamente, não resta dúvida, por pessoas cujas intenções ressaltamos — e que vieram dispostas a endireitar a sombra da vara torcia. Simplesmente os meios sem sombra...



«A vida é bela!» Para Ann Richards e Bic Donlavy, o futuro opera-se-lhes confiante e feliz, pelo menos o julgar pelas suas expressões redondas. Uma imagem do filme «Américas» — epopeia e gesta do grande poia além Atlântico — a cavalgada do povo através dos séculos.



A guerra acabou. Os paradisíacos ilhas dos Mares do Sul, das palmeiras românticas, dos praias douradas, das toadas plangentes, dos calafatos e aluossas — ressam ao que eram dantes: ilhas encantadas do Amor e do Soidade. Os marinheiros de Tio Sam podem agora divertir-se sem preocupação. E esta imagem de Hollywood, onde vemos Red Skelton com dois companheiros — e três nativos da extraordinária beleza, diz-nos, só por si, que a Paz trouxe novas encantos para os marujos em terra-firme...



Maí algumas concorrentes: Maria de Lourdes de Souza e Silva, Alda de Lourdes Ferreira Santos, Maria Manuela do Nascimento Cruz, Nina Mata, Emília de Oliveira, Isaura Alísio Neves, Lina Dulce de Brito Lima, Maria do Céu da Conceição Jesus, Maria do Carmo Oliveira, Beatriz Azevedo da Silva, Rosa do Silva Coelho, Lia Carreira Maia, Alda Coetano Martins, Pilar Palácios Perez, Maria Almeida, Sandra Conceição Silva, Maria da Nazaré Pereira dos Santos e Beatriz Matos.

## Atenção, concorrentes!

Estão-se activando os trabalhos preparatorios de «Matin e às 4», cujas filmagens devem começar brevemente. E, entretanto, está-se organizando o ficheiro dos concorrentes, que oportunamente serão avisados, pelo correio, da hora e local onde devem comparecer, o fim do júri seleccionador as seis (que devem acabar por ser dez ou doze...) a quem serão distribuídos papéis no filme. Esse júri, conforme já dissemos, será constituído pelo director do filme, Santos Mendes, pelo realizador Piero, que dirigirá o filme teatral, e pelo autor do argumento e diálogos, o nosso camarada de redacção Aníbal Nazaré, que também será o delegado de «Vida Mundial Ilustrada».

Resta, pois, às concorrentes, aguardar a chamada, e as da provincia oportunamente receberão, também, as necessárias instruções.

# “MATINÉE AS QUATRO”

O NOSSO CONCURSO



RA PARIGAS  
ENGRACADAS  
PRECSAM-S

PARA O  
NOVO  
FILME  
PORTUGUÊS

## NOTA DA SEMANA

Teatro não perdão ao Cinema. Em Portugal, bem entendido. Porque, lá fora, tal animosidade seria, pelo menos, ridícula. Mas, entre nós, o feizinho provinciano do remoque e da pláida mal intencionada criou raízes... Ainda há dias tivemos ocasião de comparar o facto, numa revista em cena. O cinema português é atlejado com duas ou três «gracinhas», que não teriam importância nenhuma se não fossem, como um «mot d'ordre», passado de autor a autor, em todos os espectáculos do género. Mas o mais engracado é que, dum modo geral, a gente do Teatro, autores e actores, não nutrem, pessoalmente, nenhuma má-vontade contra o cinema. Muitos deles devent-lhes proventos e glórias. E o sonho dos que escrevem e representam é figurar na legenda de abertura dos nossos filmes. Sob este aspecto, alguns, até, têm exigências que os grandes de Hollywood não se atrevem a formular...

Se não há má-vontade pessoal, nem despeitos, nem agravos, como se compreendem as mesmas chalacas de sempre, com insistência suspeita? Porque correspondem à critica do público? Nem isso. Raros são os filmes portugueses que não registam mais êxito do que a média dos estrangeiros! Porque o cinema nacional nos há de envergonhar lá fora? Não pouco! Os raros filmes que passaram as fronteiras deixaram uma impressão latente — e o Brasil continua a acolhê-los com entusiasmo, porque estejamos em regressão, no aspecto industrial? Ainda menos. O público e a critica reconhecem que progredimos, dum modo geral.

Então, como se compreende a insistência? Por um lado, falta de imaginação dos autores. Por outro lado, a tal má-vontade do Teatro para com o Cinema, no estilo de rivalidade barata entre dois clubes da provincia... Em qualquer dos casos — tem a sua graça e o seu encanto, esta attitude... Porque é assim como quem faz figas, ao ouvir falar no Diabo...

## UMA FESTA NÁUTICA, À 1900 EM HOLLYWOOD!



De esquerda para a direita: Bonita Granville, Jackie Cooper, Mary Anderson, Buster Keaton e sua mulher



Judy Garland e seu marido, Dave Rose



Aqui é o «lugar» que a Susete montou com o dinheiro oferecido pelo generoso inglês. Aqui ganhou ela a vida honradamente, tal como nas seus sonhos, que não eram ambiciosos.



A irmã de Susete ajuda-a no seu negócio. Possivelmente também ela sonha que um dia lhe aparecerá um senhor de cabelos brancos, irradando simpatia, que será o redentor da sua vida. Mas estas coisas, geralmente, são impares...

# “A sorte só favorece quem...”

## História da rapariga da Feira Popular a quem deram 20 contos!

❶ leitor deve recordar-se. Foi há um mês e pouco, que isto aconteceu. Mas nós contamo-lhe outra vez a história, que parece um déstes episódios que metem fadas e varinhas de condão...

Sim, porque hoje, numa época em que todos se fecham num egoísmo feroz — e são raros os que deixam transparecer os sentimentos de filantropia — aparecer um cavaleiro bondoso, rico, que mete a mão ao bolso e saca dum maço de notas para ajudar um desherdeado da sorte — só nos livros de aventuras, para a imaginação infantil, em que as fadas, de mantos e brocados de ouro oferecem aos meninos bonitos — e que comem a sopa — cavalos e romãs de ouro — todo um mundo encantado em rochais...

O caso foi assim: Na Feira Popular, numa barraca de divertimentos, uma rapariga modesta, pobre no seu vestidito de chita, atendida, com um sorriso nos lábios, a clientela, que, sem olhar a tristezas, quer é divertir-se.

Quantas vezes os seus olhos gaustos tinham uma névoa de piedade, de dolorosa inquirição, pois o que ali ganhava mal dava para ajudar os seus, em casa.

Rapariga trabalhadora, Suzete — um nome que os poetas franceses tanto cantaram — vinha todos os dias de Alfama, o seu bairro, para a baloiçada de Palhavá, vencendo uns escassos escudos.

Lá em Alfama é tudo gente que mourela — e usa, além da ganga ou da chinela, os calos na mão, que são os estigmas do trabalho. Manhã cedo, mal o galo canta e ainda há estrelas no céu, eis que tóda aquela gente, de canastra ou lancheta, chinelando, procura o calo ou a Ribeira.

O mar vive em Alfama — porque todos sentem as suas inquietações, o seu convulso estertor que não deixa semear as rédeas — e tira o pão da boca.

Suzete trabalhou numa fábrica. Foi, por consequência, operária. Soube bem quanto custa a còdea que se ganha magra e escassa, dia a dia. E tinha, por isso, o direito legítimo de sonhar — única coisa que os pobres podem fazer sem pagar imposto... Sim, sonhar. Dormir de olhos abertos. Construir a felicidade em castelos de areia. Correr, à rédea solta, o mundo, a aventura, vestir-se de noiva, ter um automóvel, andar com a criadagem às voltas, tudo quanto o cérebro, movido pela fantasia, sabe criar — habilidoso arquitecto sem diploma. Há gente que anda, perpetuamente, a sonhar. Suzete, porém, era também pobre no seu sonho. Não via grandezas, nem palácios, nem um tio milionário, perdido nas roças do Brasil, que lhe deixasse um caminhão enorme — daqueles do Galamás — carregado de ouro!

Não! O seu sonho era outro — e bem vulgar.

Gostava de trabalhar para si — de ter um negócio, uma loja de frutas, um lugar de hortaliça, com galinhas e coelhos, qualquer coisa, enfim, que fósse dela, que lhe pertencesse. Mas como? Dinheiro não o tinha, nem éle chegava para comer, quanto mais para fazer economias!

Ora um dia, Suzete, estava na barraca da Feira Popular e um sujeito, com cara de estrangeiro, distinto de maneiros, parou junto dela e começou a falar de coisas vãs.

À pequena ia respondendo, delicada como é. Perguntou-lhe quanto ganhava, se tinha família, se vivia satisfeita.

Suzete teve, não sabe como, um alívio no coração. Aquêle senhor tão distinto, «mais distinto que o senhor doutor», de cabelos brancos, inspirava-lhe uma confiança sem limites. E contou-lhe tudo, tim-tim por tim-tim!

Logo nessa noite deu-lhe algum dinheiro para levar para a família. E, passados dias, entregou-lhe — sabem o quê? — vinte contos, vinte notas novinhas, daquelas que Suzete julgava que era um boato a sua existência...

A varinha de condão tinha vindo ao seu encontro. O pior foi depois. A pequena vestiu-se melhor. Apareceu com uns sapatos novos, teve uma blusa de seda barata, e, no dia em que trocou mil escudos na mercearia, foi tal o escândalo que o falatório cresceu até ao Torel...

Desempregou-se da Feira. A polícia quis, então, tirar tudo a limpo. Chamaram-na para prestar declarações. E ela contou como tinha sido. Não acreditaram. Teve, então, o anónimo benfitor que fr testemunhar — e com que aborreciment! — a sua generosidade, que lhe desajava que ficasse no esquecimento. Soube-se, então, que já o mesmo fizera no Algarve, a dois petizes que anda a educar.

Pessoa riquíssima — há muitos anos no nosso país — e com fortuna na Inglaterra — é um beneditito que procura espalhar o bem apenas porque sabe que há gente que sonha e acredita no maná celestial...

Fronto. A história acaba aqui. Resta dizer que Suzete viu o seu sonho realizado. Estabeleceu-se com um lugar de hortaliças e frutas no coração da Madragoa. Até os batros têm afinidade: Alfama, do mar, instalou-se na Madragoa das varinhas...

ESCOLA DE TIRO  
À DIANA

Aqui é a barraca de tiro «Diana», da Feira Popular, onde a Suzete teve a sorte de encontrar um homem generoso e bom.



## MASCA DE LEUUL REUNITO PATRIA ROMANA DEMOCRATA

Durante uma manifestação realizada em 14 de Março, o Primeiro Ministro Groza agradece à Rússia a entrega da Transilvânia à Romênia. Os soldados que se vêem no foto são russos e não romenos.

### A EVOLUÇÃO POLITICA NA ROMENIA

# A sombra de Moscovo

## sobre Bucareste...

**D**a leitura das publicações anglo-americanas sobressai um estado de espírito, em relação à Rússia, que não engana ninguém. Os Estados-Unidos estão francamente descontentes. A Grã-Bretanha, acompanhada de perto pelos seus Domínios, principia a revelar um aborrecimento que parece indicar estar prestes a transbordar a taça da paciência.

Vem isto a propósito da attitude soviética manifestada na Conferência de Londres. A Rússia pretende ter voz activa em todos os problemas mundiais; mas não autoriza os seus aliados anglo-americanos a exercer a mesma fiscalização nas zonas de interesse, consideradas exclusivamente soviéticas.

Um dos casos mais flagrantes como exemplo encontra-se na Romênia. Desde Setembro do ano passado, data da assinatura do armistício romeno, que os correspondentes americanos e britânicos pediam insistentemente autorização para visitar Bucareste.

Esta autorização, porém, só foi concedida quando o assunto entrou em discussão à mesa da Conferência de Yalta, na presença de Roosevelt, Churchill e Estaline...

Mesmo assim, segundo o testemunho de um jornalista americano, apesar dos correspondentes terem pedido, à medida que Sofia, Belgrado e Budapest se rendiam, para visitar estas cidades, Bucareste foi a única capital ocupada pelo exército vermelho — com excepção de Helsinki e Varsóvia — onde foi concedida licença para os jornalistas ingleses e americanos entrarem.

O panorama por êles observado na capital da Romênia não foi de molde a satisfazer o espírito democrático anglo-americano. Das desinteligências registadas entre a Inglaterra e os Estados-Unidos dum lado e a Rússia do outro na aprovação do actual governo romeno.

Após a conferência de Yalta, Estaline, Roosevelt e Churchill publicaram uma declaração relativa à Europa libertada. Ali se prometia a cooperação dos Três Grandes para ajudar «os povos libertados a destruir os últimos vestígios do fascismo e do nazismo, a criar instituições democráticas à sua escolha e a formar governos provisórios representativos dos elementos democráticos da população».

Para mal do mundo, porém, o sentido dado pelos americanos e Ingêzes às fórmulas «instituições democráticas» e «elementos democráticos» diferem daqueles que lhe dão os soviets. Mais do que em qualquer outra parte, êste facto é evidente na Romênia.

Quando esteve em Bucareste, Leigh White viu as paredes cobertas de frases anti-fascistas, mas chegou à conclusão de que a liberdade de palavra era tão grande como no tempo dos nazis.

Assim, os únicos jornais autorizados são os que não têm política ou então os que são apolados pelo par-

tido comunista. Todas as reuniões estão interditas. O jornal *Timpul* — O Tempo — há muito ressaltado pela sua independência, foi suspenso por ter «falsamente acusado um sindicato de querer «nacionalizar» as casas de habitação. Pouco tempo antes, o *Vitorul* — o Observador — e o *Dreptul* — A Justiça — órgãos dos partidos liberal e agrário, foram interditos: o primeiro por ter, no seu artigo de fundo, feito a apologia da liberdade de imprensa, e o segundo por ter acusado a «Frente Democrática Nacional» de querer impor a ditadura do partido único. Além disso, êstes dois jornais tinham já anteriormente criticado os métodos russos.

Por outro lado, os dirigentes dos partidos liberal e agrário têm-se declarado contrariados de que a Rússia está prestes a usar como arma a «não observação das condições de armistício» para obrigar a Romênia a fazer parte da engrenagem económica soviética. O chefe do partido liberal, Dinu Brătianu, declarou a um jornalista americano que os produtores de petróleo se queixavam da impossibilidade de fornecer os contingentes exigidos, pois a comissão soviética não fornecia os transportes necessários para as entregas serem feitas a tempo.

Os produtores de trigo invocam as mesmas dificuldades e dizem que

nem sequer tiveram autorização para ficar com trigo para semente. Dêste modo, a Romênia que, normalmente, é uma das maiores exportadoras de trigo da Europa, terá de importar semente da União Soviética — semente que provavelmente foi exportada da Romênia.

Além disso, devido à insistência da «Frente Nacional Democrática» em obter reformas agrárias imediatas, os grandes proprietários de terras, estando cientes de que vão ser expropriados, não se acham estimulados a empregar os seus capitais em sementes nem a fazer qualquer esforço para cumprir as suas obrigações. perante êstes factos, a Romênia está à beira do maior desastre agrícola de todos os tempos, desastre que, segundo Brătianu, bem explorado pelos soviets serviria para legitimar a soviétização da economia romena.

E Leigh White escreve: «É possível que estas críticas sejam injustificadas. É possível também que os produtores de petróleo e de trigo, como muitos outros que apolam a «Frente Nacional Democrática» tenham colaborado com os alemães. Mas, será isto razão suficiente para justificar a supressão dos jornais acima referidos e para interditar toda a actividade futura dos partidos que êles representam?»

Na opinião de Júlio Maniu, chefe do partido agrário, a única diferença entre a ocupação soviética e a ocupação alemã é que no tempo dos nazis o nosso ditador era romeno, e hoje Vyshinsky — no lugar de Antonescu.

(Continua na pág. 13)



Anna Panker, conhecida pelo «La Pasionário» da «Frente Democrática Nacional», acompanhado por Petru Groza.

O Patriarca Nicodim agradece a Nyshinsky, vice-comissário dos Negócios Estrangeiros do U. R. S. S., a restituição de Transilvânia.



JUÃO Malet empurrou a porta acolchoada do coberto. Veio lá de dentro o ritmo sincopado, alucinante, de um jazz desenfreado. Sob um teto baixo, por entre a fumaçada densa, pares enlaçados enclimam o espaço reservado para dançar.

Mas o pitoresco aspecto do «Old Beams» perdera há muito o atractivo para o pintor, que observava a sala fitando de passagem os que dançavam e procurando divisar visitantes sentados a mesas ao longo das paredes.

— Olá, João! — exclamou uma alegre rapariga que rodaplava nos braços de um sul-americano escuro e frisado. — Quem procura?

— Fabiano! — respondeu o pintor. Estará cá?

— Não está, mas não tarda! — gritou de longe a rapariga, arrastada no irresfrevil turbilhão.

Malet já sabia bastante. Instalou-se como pôde no canto de uma mesa lá ocupada.

Aquêle ruído obsidante, aquêla vã alegria não o divertiam. Como poderia Fabiano, tão artista, tão sensível, apreciar aquêla vida nocturna, aquêl estêril agitação, a ponto de passar as noites inteiras para se esgaritar depois no «stetler», quando o dia despontava, de cérebro vazio e pernas estafadas? Malet encolheu os ombros. Se Gisela soubesse! Pobre e meiga Gisela que um mal implacável minava lentamente e que há mais de um ano vivia lá longe, na noite fria das montanhas, a um tempo paciente, desesperada, atormentada por um títme instintivo e bem justificado!

Foi «esposado» para Fabiano, no «stetler» mal aquecido, quando a falta de dinheiro e as privações o torturavam ainda, que Gisela apanhara aquêl frio, aquêla bronquite de mau carácter que nunca mais tinha passado.

Dolente, carinhosa, ainda tivera coragem para fornoscer o títme brilhante em que Fabiano, inconsciente, egolista, a tinha pintado enterrada numa poltrona, os olhos brilhantes de febre, as magras mãos estendidas sobre o vello coberto. E desta feita dolorosa, impresente, exorta no «Salon», viers o êxito fulminante.

— Jense Malet, para quem não há até então desconhecido. Acarinhado pela crítica, garantido com um bom contrato, numa exposição de sucesso, levava ao máximo a sua fresca celebridade.

Gisela, doente, lânguida, succidida por uma tosse cruel, desesperou-se por não poder continuar, ao pé de Fabiano, a via triunfal que em frente dele se abria. Pobre Gisela! — pensava Malet diante do seu copo vazio. — Só conseguiu os meus dias, as necessidades, as magras refeições de café, humilde, pretextos para se atordararem nasquel temperatura agradável, embora entre a fumaçada de cachimbos, a fim de voltarem com pena para a glacial «stetler».

Fabiano não era o que se chama um homem elegante. Desde a partida de Gisela, entretinha-se nessa grandêza estúpida em que dilata tempo e mocidade embriagando pelo dinheiro fácil e pelas mulheres que não o eram cenado.

— Eram caras, caras, torturadas, recebendo cartas cada vez mais curtas, cada vez mais raras, Gisela ignorava tudo aquêlo. Santo Deus! Mas talvez «espetasse».

Malet levantou-se de repente. Fabiano acabava de entrar acompanhado pelo seu diltimo derrigo, uma nórdica, esplêndida, de cabelos de linho. O pintor, num desalinho procurado, estufado e opulento, abria caminho através da parede, definitivamente aos protestos dos que dançavam.

Tinha um olhar cansado; e rugas que anuviavam uma velhice precoce. — Ando à tua procura desde o jantar! — exclamou Malet depois de cumprimentar a nórdica. — Tenho um telegrama para ti. É como sabias que te encontrava aqui...

— Um telegrama? — disse Fabiano com ar cansado. — Contado! Que coisa para ti!

— Abriu o telegrama, procurou a assinatura e leu em silêncio. Depois, desesperado, amarrotou o papel azul.

— Coisa grave? — interrompeu o nórdica, intrigado.

— Grave, sim! — respondeu secamente Fabiano.

E tinha uma estranha dureza no olhar, perdido no vago.

— Que pena! — voltou a outra com ar afectado. — Dá-me licença para dançar um bocado enquanto conversa com o seu amigo...

E, sem esperar a resposta, partiu nos braços de um vizinho do mesa. Fabiano ainda esboçou um gesto para a deter. Depois, entregou o telegrama a Malet.

— Já, mas para ti!

E Malet, sobressaltado, leu no papel amarrotado.

— «Estado grave. Convém vir. Dou r Ochepn».

Gisela! — murmurou. — Pobre Gisela! Que horror!

Fabiano, de testa franzida, bateu na mesa, mal humorado, e disse para João:

— «Nelle não sabe. Não sabe sequer que sou casado. Não fates disto diante dela.»

urgentemente... Olha, guarda o teu telegrama, a Axelle vem aí. E lê que ela tome conhecimento disto.

— Bem. Nesse caso, vou-me embora — disse Malet, revoltado, levantando-se bruscamente. Aos teus amores — disse ainda com desprêzo, despejando o copo.

Depois, após um leve cumprimento à nórdica, foi-se por entre as mesas sem estender a mão a Fabiano.

— «Jazz» continuava o seu ritmo louco. Um prêto, do qual apenas se via o branco dos olhos, arrancava do saxofone epilépticas gargalhadas...

João Malet, antes de sair, voltou-se. Fabiano e a companheira, sentados lado a lado, como um casal, olhavam-se melancolicamente.

Assim, no próprio momento em que Gisela agonizava lá longe, Fabiano, insensível e cruel, só pensava em distrair-se. Enjoado, lá a empurrar a porta quando alguém lhe bateu no ombro. Voltou-se bruscamente.

— Olha o Van Hui! Como está?

— Bem, muito bem mesmo, graças a este excelente «whisky»! — respondeu um gigante lúbio, folgado, de cabelo preto, accendo ao balcão do «bar». — Tome qualquer coisa contigo. Está a olhar o seu amigo Fabiano Vimont, não está? Felis mortel! Axelle Nilsen é linda! É rica, e divorciada!... Que lindo par êles fazem! Anda dola por êle! Eu julga que o Vimont era casado. Não é? Verdade seja que nunca lhe vi a mulher...

Malet hesitou antes de responder. Mas Jê Van Huiet, um pouco atordado, esqueceu a pergunta indiscreta.

— Parece — acrescentou a sorrir — que prometi a Axelle comemorar — lá o retrato se ela consentisse em ler panhe» com êles. Tenho a certeza, acrescento numa gargalhada, de que já preparo a paleta e já tem a tela no cavalete! Olha, lá vão êles a sair!

Com êxito. Fabiano e a companheira dirigiram-se para a porta. Fabiano enfiara o braço no dia nórdica e falava-lhe em voz baixa, com animação. Errava um sorriso terno no rosto da linda estrangeira.

Depois, voltou-se ostensivamente, com repugnância, quando Fabiano roçou para o momento de sair, o pintor teve uma ligeira hesitação. Depois, com um encolher de ombros, arrastou a companheira.

— Lindo retrato, lindo modelo, linda noite! Estes pintores, estes pintores exclamam em voz baixa, com a risa.

— Você está bebido, meu caro! — disse, friamente, Malet.

E saiu, amarranhando o telegrama na mão.

Fabiano e Malet tinham dois «stetlers» vizinhos, num grande prédio moderno, frio de aspecto, muito dotado de todo o conforto. Era ali que vinham instalar-se, à medida que iam vencendo, os pintores dos «stetlers» carcomidos das ruas Campanha e de Vaughrad.

— cordial intimidade. E já existia entre os dois artistas tanta arrefe-

cido há tempo. Depois da partida de Gisela para um sanatório distante, Malet tinha-se recusado a seguir Fabiano a todos os «bars» e «dancings» de Montparnasse, onde o artista, com grande prejuizo da sua carreira, se ligara com um bando inteiro de ociosos cosmopolitas.

Nessa não nenhuma indulgência a justificava. Fabiano tinha ultrapassado os limites do cinismo!

E o seu egoísmo, a sua atroz indiferença em momentos tão trágicos, revoltava a sensibilidade e a inteligência do amigo. Quanto a essa estrangeira muito bonita e muito amorada, que desviava inconscientemente o camaráda dos seus deveres mais sagrados e mais humanos, compreendia-o Malet no rancor e no desprêzo que, apesar da sua velha amizade, sentia por Fabiano.

— Ao voltar a esquina, o pintor viu na sua frente, caminhando lentamente, ao lado um do outro, a nórdica e Fabiano. Hesitou um momento, mas a porta do prédio estava já perto. O par entrou dirigindo-se para o ascensor. Malet, por sua vez, entrou no vestíbulo.

Fabiano voltou-se, reconheceu o amigo e, num gesto instintivo, deixou aberta a grade do ascensor.

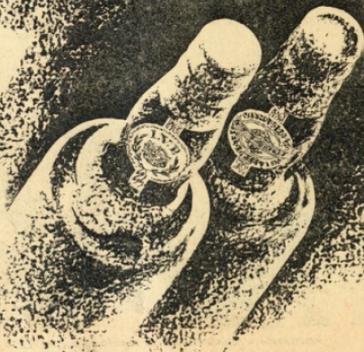
— Não, obrigado! Prefiro subir a pé! E num gesto brusco, irreflexo, lançou o telegrama amarranhado à cara de Fabiano. Quando chegou ao seu andar, a porta do «stetler» de Fabiano acabava de se fechar estrondosamente.

Malet adormeceu dificilmente. Adivinava muito pouco dêle, no «stetler» que tão bem conhecia, Axelle sentada no divan, entre almofadas e Fabiano, amável e meigo, com o «champanhe» nas taças e a tela branca, a positor, no cavalete, numa atroz sessão entrecortada de cerimónias e de liberdades, cada vez mais largas. De longe, Gisela, magrinha, arquiante, as pobres, mãos descalçadas, crispadas no lençol, com uma enfermeira ao lado, talvez o médico chamado à pressa e aquêl titubear na penumbra, a lamparina a des-

(continua na pág. 16)



VINHO  
do  
PÔRTO



# IDEIAS E MAGENS

Por ANTÓNIO RUAS

**N**OS vemos o absolutismo, por tódá a parte, do império das doutrinas e das idéias. Pode dizer-se que, em geral, o mundo é modelado pelas religiões e pela filosofia. Mas succede que as doutrinas e as idéias têm de se ajustar ao temperamento, à alma dos povos, assim como as roupas aos corpos de indivíduos. Senão, vejamos: os protestantes firmaram-se na doutrina da graça, da predestinação. Para a salvação dos homens, importa mais a escolha que as obras. Os católicos, pelo contrário, puseram, no Concílio de Trento, o seu acento sobre o livre arbítrio. As obras, em primeiro lugar. Deus olga pelas obras que cada um faz neste mundo.

Diz-se-a que com tal doutrina, os protestantes passariam a ser homens de adoração exclusiva, entregues ao êxtase e à adoração, muito oracionais e pouco actuantes, no empenho de atrair sobre si a graça divina. E que os católicos desprezariam esse mistelismo de atitudes, de embriagante reverência, para se lançarem com denodo, com fervor, no caminho da acção, no capitulo das obras.

O contrário, porém, é que succede. Os povos protestantes apresentam um padrão de moralidade, na família, no governo nas relações sociais, superior aos povos católicos. Quere dizer: apesar de terem proclamado a doutrina da graça, fazem tábua rasa dela e dedicam-se às obras.

É que naturalmente as palavras, as expressões e as frases têm, em certos casos, dois sentidos: um vulgar, trivial, literal, para os estranhos, *extérico*; e outro íntimo, profundo, secreto, para os iniciados, *esotérico*. Mas isto parecendo, afinal, liquidar a questão, não a liquidá. Porque se as obras, no campo educativo, no familiar e no social são a principal manifestação da actividade protestante, não o são no campo propriamente de expressão religiosa. Os católicos empenham-se em comunicar a sua fé a todos os homens, sejam eles brancos ou pretos, civilizados ou selvagens, doces ou ferozes, inspirando-se na universalidade do credo cristão, que abraça, no mesmo amplexo, todos os seres humanos. Os protestantes parece que quere ter o provento exclusivo da sua fé, regateando-a aos outros. A religião católica é uma religião expansiva, missionária, e a protestante não é.

Apesar de as obras nos católicos pouca influência exercem sobre a massa geral do povo, exercem grande e poderosa influência sobre uma pequena minoria. São mais vulgares os rasgos de sublimidade, de abnegação, de renúncia, de dedicação acrisolada no próximo entre os sacerdotes, monges e praticantes católicos do que em qualquer membros das igrejas protestantes. Pode-se até dizer que a santidade, tal como deve ser, do homem unicamente dedicado ao serviço de Deus e da sua doutrina, é só privativa dos católicos.

(Continua na pág. 14)

## ACTUALIDADES NACIONAIS



O sr. Guilherme Ferrás Pinto Basto, cónsul geral do Dinamarca em Portugal, foi agraciado, pelo Sr. Cristiano, com o grande officilato da «Danstrep» como homenagem aos relevantes serviços prestados aquella nação pelo som illustre compoitioto.



Nos Recreios Desportivos da Trafaria, realizou-se a «Noite Luso-Espanhola», uma festa de caridade a favor dos pobres daquela localidade. Na foto vemos o grupo de gentis senhoras que organizaram a festa.



Um aspecto da assistência à inauguração do estúdio Leal da Câmara do Rinhão, a que presidiu o sr. Eng.º Carlos Santos, Presidente da Câmara Municipal de Sintra.



Assistência à representação da revista «Cascais em Marcha», no Casino de Sintra.



O banquete, no Casino de Sintra, oferecido pelo «União Sintrense», às equipas do Benfica, Atlético e Chelsea, que foram inaugurar o campo daquele clube.



A Comissão organizadora das festas a favor dos pobres de Sintra, realizadas no Casino.

## ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS



MAMÁ!... — O capitão Eurico Pacheco Guimorês, das Forças Expedicionárias Brasileiras, abraça sua mãe ao regressar ao Rio de Janeiro.



É este o actual estado de «confraternização» entre os soldados das Nações Unidas e os raparigos alemães. A esquerda, uma alemã fotografa o grupo. Que complicações não poderá arranjar esta foto, publicada na América ou na Inglaterra e chegada às mãos de certas noivas ciumentas?...



No baile efectuado no Albert Hall, de Londres, pelos cabelheiros de senhoras, apareceram as mais bizarras criações...



Fotografados durante uma recente emissão, vêm-se da esquerda para a direita: Prof. José Farnadas, da Universidade de Columbia, Nova-York; Mário F. Ferreira, Chefe da Secção Radiofónica Portuguesa da Repartição de Informações do Gaur; Manuel Pinto de Sousa, Chefe da Secção Luso-Brasileira da N.B.C., e Dr. Deodato M. de Carvalho, locutor. Estes são os principais elementos do magnífico programa «A Voz da América», que tantos admiradores conta entre nós.



Este modelo de chapéu chama-se «Yo-Hoo», e foi lançado por Walter Florele, um dos ditadores da Moda em Nova-York. Calcula-se, por isso, que será o modelo favorito da estação.



D. João da Câmara, o apreciado locutor da E. N., sobrinho do grande escritor do mesmo nome, vai aparecer-nos, como artista de cinema, no novo filme «Sonho de Amor», da Cinelândia. Será ele, também, o novo autor das crónicas dominicais da E. N., que aram escritas pelo falecido escritor Dr. Acácio Leitão. Trata-se dum locutor sóbrio, inteligente e dum dos mais valiosos elementos do nosso Rádio.



JANELA  
ABERTA

## Ajustar contas...

ESTA frase «ajustar contas» ocasiona, quasi sempre, mal-entendidos, divergências, complicações. A frase, ou antes, com mais propriedade, a intenção que a dita. E raramente é possível, entre homens, ajustarem-se contas sem se desajustarem amizades...

Frase infeliz, até alguns a empregam quando já sabem que não há ajuste possível e que o conflito vai surgir, precisamente porque uma das partes — não está pelos ajustes...

E bastas vezes, quando surge uma luta entre nações, se grita aos quatro ventos que a guerra vai servir para ajustar contas — quando a verdade é que o ambiente dum campo de batalha é sempre impróprio para outras «operações» que não sejam as militares...

Na guerra que agora parece ter terminado, também havia velhas contas a conferir — e a liquidar. Parece, porém, que cada país fazias as contas a seu modo, e por isso se tornava difícil, quasi impossível mesmo, que aquilo, no fim, pudesse dar certo. Assim aconteceu.

(Continua na pág. 14)

## Lisboa vai ler um novo Diário da Tarde

A nossa capital vai ter, por estes dias, um novo diário da tarde. «Vitória» será o seu título — um título que é um grito nesta hora histórica e decisiva do mundo. Promete ser um diário moderno, renovador — um jornal cem por cento 1945!

Será seu director Diniz Bordallo Pinheiro — homem de rasgada iniciativa e espirito empreendedor, a quem o nosso jornalismo deve algumas das suas melhores realizações. Lisboa espera o seu novo jornal com expectativa e interesse. Oxalá ele corresponda a essa expectativa e a esse interesse — e «Vitória» constitua uma autentica vitória!



DINIZ BORDALLO PINHEIRO



# A sombra de um poscoo sobre Bucarest...

(Continuação da página 7)

O Dr. Maniu afirma que se pudessem fazer eleições livres, o partido agrário totalizaria 70 % dos votos. Porém, acrescenta: «E, embora que os partidos liberal e agrário tivessem sido os princípios», artificialmente, pois na Romênia, todos os nossos jornais, embaixadas e reuniões foram suprimidos. A polícia, a guarda nacional e a guarda rural foram desarmadas. Só os membros da «Frente Democrática Nacional» têm o direito de ter armas.

Maniu e Bratianu são dois velhos conservadores, manifestamente opostos à política russa e à dos seus discípulos. Não se pode, no entanto, acusá-los de falta de coragem na política que opuseram a Antonescu e aos alemães. Os romenos, depois de terem vencido o terror da Guarda de Ferro, vivem agora extremamente amedrontados com a milícia civil que colabora com o comissariado russo da segurança interna.

Desde a chegada dos soviéticos, foram deportadas para a Ásia central setenta mil pessoas e trinta e seis mil refugiados que fugiram da Bessarábia em 1940. Há na ocupação francesa remoinhos para outras regiões da Rússia.

Baseada numa lei intitulada «Condição para Trabalho na U. R. S. S. de cidadãos romenos de origem étnica alemã», uma comissão de armistício aliada iniciou as deportações a 6 de Janeiro. Ora, os membros alemães e britânicos da comissão só foram informados desta decisão a 4 de Janeiro, tarde demais, porquanto já para poderem fazer qualquer protesto oficial. Certos deportados nacionais máis tímidos que os que se não tem de consolação alemã, segundo o Primeiro Ministro Petru Gроза, havia na Romênia 600.000 Volkdeutschen, dos quais dois terços eram membros do partido nazí. Quis os nacional-socialistas segundo ele próprio admitiu — fugiram da Romênia antes da retirada alemã. Este mesmo membro da comissão, o testemunho do próprio Gроза, a maioria dos alemães deportados foram os principais membros da Ásia Central eram precisamente aqueles que não estavam filiados no partido.

Gроза, homem de negócios de longa e otimista, sem humores, segundo a descrição de um dos seus biografos, é um velho adversário do partido agrário. Segundo os jornalistas americanos, na única entrevista que lhes concedeu, na presença de alguns dos principais membros da comissão do seu governo, esperando a aprovação destes para responder às perguntas que lhe foram feitas.

Dias depois, durante um banquete oficial, Gроза deixou o encargo de falar com os jornais presentes inteiramente entregue a Petre Constantinescu-Iaşi, seu ministro da Previdência, e a Anna Faulker.

Esta última é a mulher mais conhecida de toda a Romênia. Assiste a todas as reuniões políticas, se bem que não desempenhe qualquer cargo político. Ex-professora e ex-ajudante profissional do partido comunista, a sua actividade põe-lhe a vida em perigo quando a Romênia era ainda comunista. Esteve refugiada na Rússia em 1925, donde saiu poucos dias depois para se dedicar ao trabalho de resistência clandestina que durou até à sua detenção em 1937. Acusada de ser inimiga do país, foi libertada, dezasseis meses depois, devido a uma troca de prisioneiros entre a Romênia e a Rússia.

Durante uma conversa que teve com um grupo de jornalistas americanos, o seu marido declarou que na Romênia «havia muito para uma e para a outra» e que não se decidia a fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para obter um nível de vida. Acusada de ser inimiga dos locutores de querer «soviética a Romênia», acrescentou: «Contentar-nos-emos com as reformas independentes soviéticas, e os interesses privados serão respeitados desde que não sejam um obstáculo para a chegada da Frente Nacional Democrática. O tempo trabalha por nós.

Além disso, tudo indica que esta mutação não será inteiramente pacífica. A maneira como se chegou ao governo de Gроза prova claramente este facto. Em Dezembro de 1944, o comissariado soviético para os Negócios Estrangeiros, Yshinsky, aprovou a nomeação do general Ni-

coias Radescu para o cargo de primeiro ministro.

A 28 de Janeiro, a «Frente Nacional Democrática» publicou um programa político e económico composto de dez pontos — exigia a reforma agrária, a instrução obrigatória, a depuração dos fascistas do exército e do governo, a elevação do nível de vida e o melhoramento das relações com a Rússia.

Tudo isto pode parecer bastante razoável, mas os métodos empregados para a sua realização precipitaram uma crise que conduziu ao afastamento de Radescu e à alienação dos partidos liberal e agrário.

Realizaram-se manifestações para reclamar a prisão imediata das grandes propriedades e a depuração dos fascistas. Estas manifestações terminavam sempre em saques tumultuosos, dos quais se atribua a culpa a Radescu e à sua polícia.

Estas manifestações aparentemente espontâneas, eram organizadas da seguinte forma: todos os funcionários e operários que tomassem parte nestas manifestações recebiam um dia de salário em contrapartida, os organizadores das manifestações cobravam-lhe uma quantia equivalente ao seu salário, e, na segunda-feira, eram fustigados por fascistas. Por seu turno, os estudantes das liceus, das conservatórias, foram avisados de que o resultado dos exames finais estaria dependente do entusiasmo que manifestassem.

Em princípios de Fevereiro, deu-se nas fábricas metalúrgicas de Malaxa um encontro armado bastante sério. Segundo a agência «Tass», fascistas armados atacaram a fábrica e prantearam a comissão operária eleita segundo um acordo estipulado. No dia seguinte, 150 pessoas da família de ferro libertou a fábrica, mas, durante o tiroteio, George Apostol, chefe de uma comissão de comunistas, foi gravemente ferido.

Porém, restabeleceu-se tão depressa quanto a 24 de Fevereiro foi a rua a cheilar uma manifestação contra o governo de Radescu. Os manifestantes foram imediatamente encaminhados ao caso, segundo as declarações de alguns romenos, aclamando a queda do regime e a expulsão de Radescu por «carracos e sassaninos», exclamando: «formas imitativas dum governo chegado por Petru Gроза».

Após a general Radescu, velho oficial de tendências conservadoras, conhecido pela sua lealdade em face dos seus superiores, foram enviados a ruses do seu pai, adversário encarnado dos alemães e do governo de Antonescu, sentiu dolorosamente que lhe chamassem «carraco e sassanino». E, nesse mesmo dia, fez um discurso pela rádio no qual denunciava os «sem pátrias e os sem Deus», que encharcavam o país de sangue.

E afirmou: «Sob a máscara de democráticos, eles espelham os princípios da demagogia e os seus interesses insaciáveis esperam tomar o controle do país. Têm a intenção de a sua sentença de morte política!»

Três dias depois, Yshinsky chegou a Bucarest e deu as seguintes instruções escritas de Estaline, proferidas, há quatro horas da tarde, o seguinte: «Reclamar a demissão de Radescu antes das seis horas da tarde, o meu o seu sucessor antes das oito».

O rei Miguel reinou imediatamente com o nome de Rei dos Romanos que Radescu se demitiu e entregou o poder ao príncipe Barbu-Stirbey, antigo ministro da Defesa e chefe da nomeação de Stirbey, a censura soviética impediu a retransmissão.

Logo a seguir, Yshinsky enviou o rei de que o candidato com apoio popular era o príncipe Barbu-Stirbey e recusou da parte do monarca, seria considerada um acto hostil que tornaria impossível qualquer solução relativa à independência da Romênia.

Além disso, então, pediu a Gроза que formasse governo, com a condição de que as pastas seriam repartidas entre os alemães, os soviéticos, a dinastia e pela «Frente Democrática Nacional». Porém, a 6 de Março, quando Gроза formou o seu primeiro governo dos seus colaboradores, se podia falar de pertencido a qualquer partido político. Yshinsky, primeiro ministro dos Negócios Estrangeiros,

# RETRATOS DE SOM MARRAVILHOSO!



CABA  
Jose Costa  
RUA DE S. PAULO, 11-13/LISBOA/TEL. 2 4888

George Tartarescu, antigo liberal, que se tornou colaboracionista e está incluído na lista dos criminosos de guerra.

No entanto, os russos e a Frente Democrática Nacional esperam que Tartarescu consiga criar uma cisão dentro do partido liberal. Se isto acontecer, tudo lhe será perdoado, até mesmo ter sido condecorado, por Hitler, com a Cruz de Ferro.

Após todos estes acontecimentos, Yshinsky, num comício organizado pelo partido da «Frente Democrática Nacional», pronunciou um discurso em que fez uma crítica a Antonescu.

«Inicia-se uma nova página na história da Romênia. Nesta página estão escritas em letras de ouro o patriotismo e a amizade pela União Soviética e por Estaline, que se declarou pronto a salvaguardar a inde-

pendência da Romênia. Nunca, na história, se registou o caso de um país libertar outro do invasor e restaurar-lhe o seu próprio estatuto». O primeiro exemplo da história surgiu quando o exército vermelho libertou a Transilvânia e a tornou a entregar a Romênia. Fuzal nisto e aital, com este exemplo à cara dos bilíres pro-procederes que dizem que o exército vermelho tem desígnios sobre a Romênia. A nossa bandeira vermelha traz a independência, a prosperidade e a glória a todos os povos amantes da liberdade que se juntarem a U. R. S. S. para edificar um novo mundo sem opressão nem guerras. A U. R. S. S. é a libertadora da Europa.

Convocação? Ironia? Que dizer? Apenas que os anglo-americanos não são da mesma opinião...

# Historia da Guerra

(Continuação da página 18)

os compromissos tão solenemente tomados para com as autoridades alemãs, tenham falhado também aos que assumiram para com Y. Ex.». Esta última circunstância levanta a considerar que são absolutamente inúteis todos os acordos que se fizeram fazer com esses elementos.

A seguir, na sua carta, o Fuhrer viria directamente ao almirante Laborde, a quem punha em causa, formulando contra ele a acusação concreta de duplicidade de que era de molde a causar uma sensação promissiva, sobretudo entre os anglo-saxões que sempre tinham considerado o almirante como um colaboracionista, embora pouco caloroso.

A acusação de duplicidade era formulada nestes termos: «Envio a V. Ex.», senhor marechal, as provas irrefutáveis de que, depois da entrada das tropas alemãs no resto do território francês, em 11 de Novembro de 1942, voltaram a ser dadas garantias solenes, sob palavra de honra, as quais foram violadas no próprio dia em que as tropas alemãs e pela «Frente Democrática Nacional». Porém, a 6 de Março, quando Gроза formou o seu primeiro governo dos seus colaboradores, se podia falar de pertencido a qualquer partido político. Yshinsky, primeiro ministro dos Negócios Estrangeiros,

ataque tímido, o almirante Laborde apenas pretendeu ludibriar a Alemanha e a Itália mais uma vez. Depois de ter dado, no dia 11 de Novembro, as mais solenes garantias, o almirante no dia seguinte deu ordem para, em caso nenhum, se fazer fogo contra um eventual desembarque de forças inglesas ou americanas no território da metrópole francesa.

Que fundamento T. H. nos esta acusação, formulada em termos tão categóricos? Ou constituiu, ela, a exemplo do que tantas vezes anteriormente aconteceu, apenas um pretexto para iniciar uma acção violenta, sem que o fundamento invocados tivesse qualquer verosimilhança? Não era difícil calcular que os anglo-americanos, nessa altura, não tinham nada preparado para tentarem um desembarque na metrópole francesa. Mais tarde seriam eles os primeiros a reconhecer e a proclamar que essa ideia não tinha qualquer viabilidade na altura, e que, portanto, nessa altura, a acusação formulada contra Laborde carecia inteiramente de verdade. Tratava-se de mais uma tentativa dos alemães para se apoderarem da esquadra francesa, e perante a importância e o valor da préta, os recorrentes moralistas a atitude tomar passavam para segundo plano.

(Continua)

# Boêmia de Coimbra

(Continuação da página 13)

mática, mas nos meses em que navia luz, era certo e sabido: o Xabregas não estudava. As noites eram gastas em serenatas e outros bródios. Mas êle justificava a coisa:

— Como tenho de fazer a cadeira de Astronomia, faço distas aulas práticas...

Este grupo formou-se e partiu para a vida prática, onde venceu com inteligência e orgulho dos conterrâneos. Outro ficou a alimentar este fogo sagrado da boêmia coimbrã: os dres. Rui Tasso e Manuel Bartolomeu e os estudantes Barrigas de Carvalho, Herculano de Oliveira e Felisberto Pika.

Rui Tasso, que ao fim de 16 anos de Universidade conquistou, muito justamente, o título de «Dux Veteranorum», e o Manuel Bartolomeu, que bateu, de longe, João de Deus, já se formaram e são hoje médicos distintos.

O Barrigas de Carvalho, actual «Dux Veteranorum» da Academia, juntamente com o Herculano de Oliveira, são actualmente veteranos da Academia. Os dois devem preferir no todo 30 anos de Universidade.

Felisberto Pika é o boêmio n.º 1 da actual Academia de Coimbra. Quem o não conhece? A sua fama espalhou-se por Portugal inteiro, e não há dúvida que o Pika é um rapaz cheio de espírito. Andá sempre em trânsito, isto, na sua pitoresca linguagem, quer dizer que anda de terra em terra em visita aos amigos. Há dias, de passagem por Coimbra, contou, numa roda de amigos, o seguinte:

— Calculem vocês, que há tempos, um «grajo» lá dos meus sitios, foi-se com arengas para o meu pai: — Olhe o rapaz que anda desnorado! Veja a vida dêle, que aquilo lá por Coimbra vai mal. Ora você? — disse o Pika para os amigos — sabem perfeitamente que isto até vai muito bem. Vai mesmo o melhor possível... E vocês sabem o que o meu pai lhe disse? — Deixe lá o rapaz... êle já fez mais do que eu, que nunca estudei e êle já fez o liceu.

— Pois, rapazes da minha geração — rematou o Pika — com êste mimo da paternidade, requilistá «cróas» e pus-me logo em trânsito... Sigo para a Bafraida, não para as vindimas, mas vou ver alinda o resultado das do ano passado... E seguiu!

\*\*\*

Este ligeiro apontamento que aqui fica, não tem outro fim que não seja o de recordar um punhado de estudantes, que largados de Coimbra, depois dum «vide de boêmia», souberam vencer e triunfar nos escolhos da vida — e alinda outros que se preparam para seguir o mesmo rumo. Resolveram a cantar os seus dramas e as suas inquietudes. A juventude de agora complica-se mais e martiriza-se por snobismo... E por isso que o Pika, que vive dentro dela, é um símbolo que me mereceu o mais profundo respeito. Não se complica nem arranja dramas. É tal qual assim, na sua pureza alentejana, este estudante que afirma aos quatro ventos que a formatura há-de chegar um dia. Até lá quer viver esta Coimbra, que nunca o tira de luto e lhe dá sempre a felicidade dum sorriso e duma graça.



...SEGUROS CONTRA TODOS OS RISCOS DA CACA NA

COMPANHIA DE SEGUROS DE GARBI, S. O. 15804

# IMAGEM Um retrato que ninguém pintou

(Continuação da página 8)

nhar nas paredes sombras lentas e fúnebres...  
E a evocação da cena foi tão forte no seu espírito que, antes de cair na inconsciência, lhe pareceu ver curvado sobre d'ê, espantosamente real e vivo, com um triste e doloroso sorriso, o rosto torturado de Gisela.

\*\*\*

Malet sentou-se na cama acordado em sobressalto. A campainha da porta vibrava com insistência. Algum batis fortemente que, antes de cair na inconsciência, lhe pareceu ver curvado sobre d'ê, espantosamente real e vivo, com um triste e doloroso sorriso, o rosto torturado de Gisela.

— João! João! — gritava uma voz que logo reconheceu ser a de Fubiano.  
O pintor levantou-se à pressa. Que seria?  
— Abriu a porta. Fubiano, degnahado, de olhos esgazeados, com uma expressão de intenso terror no rosto crispado, correu para dentro.  
— Fecha a porta, João, peço-te, fecha a porta. É uma coisa atroz, incomprehível, tenho medo.  
E deitou-se para cima do divã, com a cara metida entre as mãos.  
Malet olhou maquinalmente para o grande relógio rústico: duas horas da manhã.  
Que aconteceu? — perguntou um tanto rudemente. — Estás doído? E a «nórdic»? Onde está ela?  
— Foi-se embora! Fugiu! — gemeu Fubiano. — Foi tudo por culpa dela... Ah! Minha pobre Gisela! Minha pobre Gisela!  
— Vamos, sossega — disse Malet. Que aconteceu?  
— E Fubiano decidiu-se.  
— Eu sei, procedi mal. Senti todo o horror da minha conduta quando tu me atraíste o telegrama à cara. Mas que queres tu? Há mais de um ano que Gisela está lá longe... Axelie tão bonita! Julguel que gostava de mim... E rica, divorciada...  
— Comprendo — interrompeu Malet em tom seco. — Fensavas já, friamente, em refazer a vida... enquanto Gisela, só, lá morre nos seus poncos...  
— Calate, João! Ê horrorê. Deixame continuar... Eu teinha prometido a Axelie comezarêla o retrato...  
— Bem sei! Todo o Montparnasse o sabe! E então?  
— Fubiano teve um gesto vago.  
— Então — continuou em voz baixa — com a mão nos olhos — então tomámos os champanhes, conversámos, e preparei uma tela. Tinha a certeza de que Axelie viria, não é?... Ela contava que era a pintasse o retrato... Posou um bocadinho. Esbocei-lhe rapidamente o busto, a cara... veio ver. Gostou. Achava-o já muito bem, muito parecido. Fez-me até notar que eu tinha encontrado bem a cor dos seus olhos de pervaivica...  
— E depois...  
— Depois... Depois veio a horrível ducliação! Bebeu-me os «champanhes», e, apesar de ser tarde, eu quis continuar. Peguei de novo na paleta... olhei para a tela. Sabes o que vi? ... de endeioirê! Lá a cabeça da Gisela!  
Malet olhava-o, estupefacto, incrédulo.

— De Gisela?  
— Sim! Era a cara dela, muito pálida, com os olhos muito abertos, com uma expressão de crenura e de dor! Uma coisa horrível! Dei um grito, deixei cair a paleta e fiquei imóvel, horrorizado, a tremer. Axelie, inquieta, levantou-se, veio para junto de mim, olhou para a tela e, depois, disse-me com calma: «Que vem a ser isto?» Eu estava tão perturbado, tão fora de mim, que lhe respondi: «É Gisela, a minha mulher!». Axelie empalideceu, pegou no casaco e fugiu. Fiquei só diante de aquele retrato aterrador, incompreensível... com aqueles olhos, com aqueles olhos cheios de crenura... Julguel que endeioirê e vim bater-te à porta...  
— Mas tu estás bêbado, meu pobre amigo.  
— Não me acreditas? Val lá ver. Nem sequer fechei a porta. Vai depressa. Tenho medo de ficar sózinho. Malet decidiu-se.  
Entrou no «atelier». Estava tudo em ordem. Havia duas tagas, uma garrafa de «champanhes» numa salva, so pé do divã. Ao pé do cavalete, no chão, partida ao meio, estava a paleta; espalhados, alinda com tinta, havia diversos pincéis. Um pouco encruados. Malet atravessou a sala e olhou para a tela...  
Vagamente, apenas esboçada, como que através de um nevoeiro, distinguu o rosto calmo, emagrecido de Gisela, enquadrado em cabelos negros. Tinha os olhos fechados, um sorriso fugitivo e melancólico nos lábios pálidos... Não era um retrato, era a máscara infinitamente calma e muda para sempre daqueles que não voltam mais...  
Malet levou a mão à testa onde perjava um suor de pavor...  
Depois, súbitamente, impellido por uma força estranha, pegou numa raspadeira e, como num sonho, com rapidez e precisão, rasrou na tela a impressionante imagem. Um oval indecível, quasi sem cor, restava ainda no centro. Mas a brancura do pincel, por mais que não quisesse, continuava a ver a cara de Gisela.  
— Não se esqueça, largou a raspadeira e fugiu da sala silenciosa onde lhe parecia adivinhar uma invisível presença. E, quando chegou ao «atelier» de Fubiano, viu que o pintor tinha desaparecido. Um papel garatujado à pressa estava bem visível, sobre o divar:  
«Pujo desta casa. Perdô-me! Tenho medo. Sinto remorsos...» — F...  
De manhã, trouxeram um telegrama para Fubiano. Mal se abriu: «A doente faleceu à noite à uma e quarenta e cinco. Funeral na segunda-feira» — Ochsana.

Uma hora e quarenta e cinco! — murmurou Malet, pensativo e sobressaltado. — Ora exacta a que o retrato appareu!  
\*\*\*  
Fubiano, de braços em cruz, de olhos encarnurados na água estanca, descia lentamente a ruaçoisa corrente do Sena.

**PASTA MEDICINAL Couto**  
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 11800  
Medicinal grande — tubo 17850  
Vulgar pequena — tubo 4800  
Vulgar grande — tubo 7800

**ika MATA**  
PERCEVEJOS BARBA DE PULGAS TRACA

Vende-se nas Farmácias e Drogeries  
Depósitos: **Cada caixa 3500**  
Lisboa — Largo Contador Mór, 4-A  
Porto — Largo de S. Domingos, 108

**Rainha da Hungria**

OS PRODUTOS DE BELEZA HA MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

**RAINHA DA HUNGRIA**

**EXTERNATO MASCULINO  
ENSINO PRIMÁRIO  
E ADMISSÃO AOS LICEUS**

**NV. ALMIRANTE REIS, 106, r/c.**  
(RÉQUINA DA RUA PASCOAL, DE MELO)

**Telef. 51454**

**Propriedade e Direcção de DUARTE FONSECA**



Alunos que fizeram os exames de 1.º grau e admissão

**Resultados finais dos nossos alunos da 3.ª e 4.ª classes e admissão ao liceu  
no fim do ano lectivo 1944-45**

**ENSINO PRIMÁRIO ELEMENTAR**

Arlindo Matos Alves.....	Aprovado	
Fausto Rogério Gira.....	»	
Isaías Augusto Pinto Gomes.....	»	
José Luís Sal Mendes.....	»	
José Manuel da Conceição Simões.....	»	
Júlio Carolino da Silva.....	»	
Lucílio da Silva Viegas.....	»	
Pedro José Soares Ferreira.....	»	
Vitor Manuel Mourato Mendonça.....	»	
Nenhum reprovado.		

2.º GRAU E ADMISSÃO AOS LICEUS		
António Pedro de Azevedo Ludovico da Paixão.....	Distinto	12 valores
Carlos Manuel de Jesus Cruz de Medeiros Portela.....	Distinto	16 »
Fernando de Jesus Ferreira.....	Aprovado	12 »

Herlander de Seixas Rocha Fernandes.....	Distinto	13 valores
José de Carvalho.....	Aprovado	10 »
José Luís Pinto Gomes Teixeira.....	Distinto	14 »
Luis de Sã Machado Rebelo.....	Distinto	14 »
Vasco Nunes Castelhanos.....	Distinto	13 »
Vitor Manuel Couto Pires.....	Aprovado	12 »
Vitor Manuel Leite Freire de Liz.....	Distinto	11 »
Álvaro Galvão de Magalhães.....	Distinto	
António Cândido César de Carvalho.....	Aprovado	
Henrique António da Silva Leitão.....	Aprovado	
Horácio Martins.....	Distinto	
Jóo António Rebelo Soares.....	Aprovado	
Jóo Nogueira.....	Aprovado	
Jorge Nogueira da Cunha.....	Distinto	
Nenhum reprovado.		

Passagens da 1.ª à 2.ª classe — 9 — Todos aprovados.
Passagens da 2.ª à 3.ª classe — 10 — Todos aprovados.

**ESTES RESULTADOS CONSTITUEM A MELHOR PROVA DA BOA ORIENTAÇÃO ESCOLAR  
E MÉTODO PEDAGÓGICO COM QUE SE IMPÕE ÉSTE MODELO DE ESTABELECIMENTO  
DE ENSINO**

**IDEIAS E IMAGENS**

(Continuação da página 10)

É por aqui vemos que se nos protestantes as obras têm um raião de acção mais vasto, nos católicos elas atingem o ideal, o sublime.

A alegoria do Céu e Inferno das religiões encerra uma verdade grande e profunda. Em cada religião puseram-se os sectários a fazer as suas interpretações. Os muçulmanos, sensuais, construíram um paraíso de horas. Os cristãos, mais severos, um céu de êxtase, de adoração, e um inferno onde não existe a esperança.

Se da essência das religiões revelarem-nos apenas verdades, quando são profundas, pela mera enunciação. Se explicassem tudo, não eram religiões. E nem a vida, tal qual a natureza, seria possível ao homem. As religiões enunciam e a nós compete-nos descansar sobre a simples enunciação ou meditar.

Mas o que era obscuro ontem, pode hoje tornar-se mais claro. Os homens duma época satisfazem preceitos que deixam intranquilos os homens mais ansiosos doutra época. É o que sucede hoje. A humanidade precisa de ver ampliados certos horizontes religiosos.

Um amigo meu contou-me há tempos que ouvira dizer a um padre: sabe que mais, lá do céu e inferno é cá neste mundo. Certamente que nisto há uma meta verdadeira. Que neste mundo há quem sofra mais e quem sofra menos. Pois felicidade completa ou que pareça completa não quem existir. Neste mundo paga-se muito dívida e às vezes também se recompensam virtudes.

Mas eu tenho para mim que o homem quando aqui chega já existiu. Que traz consigo um céu, mais ou menos céu, e um inferno, mais ou menos inferno, láto é, o seu karma. O bem ou mal que fez anteriormente está escrito e registado no seu karma, e é o que o faz sofrer ou ser feliz. O mal será como um veneno inoculado no seu corpo físico, astral ou mental, como uma espécie de sifilite ou de sarna, cujas consequências tem de sofrer. O bem como uma euforia física e espiritual, que lhe aplana os caminhos da vida e o leva às elevações e à glória.

Se interpretarmos assim a natureza, a evolução, podemos achar qualquer explicação à vida. Porque há pessoas que nascem cegas, estropiadas, que são realmente infelizes em todos os combates da existência. Se lhe não dermos tal interpretação, não compreendemos e desperamos da justiça divina. Creio que, hoje em dia, a maioria dos ateuos vem desta raiz. E por isso dizem que a natureza é cruel, cínica, injusta, que fere a torto e a direito, o inocente e o culpado, a criança inerme e o velho alquebrado. Ora a natureza, o poder criador, aqui, nesta interpretação, exclue Deus, pelo menos como a nossa idealidade o tem de conceber justo, onisciente e misericordioso, o Deus cristão.

Cada pessoa compreende de sua maneira. Haverá muitas a quem esta explicação, em vez de edificar arrepe. A mim satisfaz-me e ajuda-me a compreender a Divindade. Sem ela, creio que seria ateuo.

\*\*\*  
é agora, o determinismo. Que é o determinismo? O nosso karma, quando eu. E esse registo que vem gravado no nosso corpo astral, que faz com que nascamos espanhóis, ingleses ou indios, ou que sejamos a luz num palácio ou num tugúrio. Provamos modificá-lo um pouco pelo nosso livre arbitrio, pela nossa conduta, pelo nosso progresso moral, por uma luta incessante contra ele. É o que se chama lutar contra o destino, a lutar maior que um homem pode travar em sua vida. Haverá homens que, quasi conseguem vencê-lo. São os grandes titans da vida, os que collocados em ambientes inferiores, romperam a derreda da atmosfera que os rodeava e alcançaram pontos onde todo o mundo os via.

O ego que chega a realizar qualquer obra útil, o surdo-mudo que vem a ser elemento vantajoso para a sociedade, o homem que se sustenta e sustenta, uma mulher como Helen Keller, que, apesar de cega, surda e muda, se forma, e si pessoas que quasi venceram o seu destino.

Parece-me que esta questão de determinismo se pode resumir assim, em poucas palavras.

**O ETERNO TEMA**

(Continuação da página 4)

Fala-se muito em protecção. Ninguém mais go que nós a deseja. Mas só protecção não chega. E preciso pôr a casa em ordem. Se a palavra não fosse odolesa, e não existisse descreditação internacionalmente, por ser serviço de capa a tantas prepotências, diríamos até, que se impõe uma depuração. O cinema português não pode estar lá a merec, eternamente, de quantos se decidem a tripular sobre ele. A protecção não deve favorecer mais brincadeiras e aventuras. É a industria nacional que está em causa. E no dia em que se libertarem os estúdios dos indesejáveis e dos indútils — o Bon-Sensoo puder pronunciar-se livremente — a protecção terá começado e verificaremos autênticos milagres.

FERNANDO FRAGOSO

**A propósito de gatos**

(Continuação da página 3)

herótico sr. J. P. B. aos gatos do seu telhado — se tivesse fundos disponíveis! Qualquer veneno escamofurado n'uma desejada sopa bastaria para lhe permitir que calmamente pintasse os seus quadros futuristas. Mas não se ficasse apanhado com a ideia de que um alfaceito, um alfacinha, tenha tido fideles processos de eliminar os animais que o incomodam! Calculamos que esse ele tivesse fundos disponíveis e um cão o aborrecesse com seu ladrar — daria «um bôdo» e enviava o caso arremado... Se tivesse junto a um lago e os peixinhos encarnados o irritassem por lhe não ser do Benfica, daria cabo dos peixes! E como quem tal ideias tem para com os animais não está longe de as ter para com os homens, se um dia o guarda-nocturno da sua rua o incomoda com o ruído das chaves, convidá-o para beber um copo de vinho — e dá-lhe o «bôdo»!

Passemos, amigo, a Hímler deixou discipulos em Lisboa, e acabaremos por ter, num telhado da capital, uma Academi do campo de Dechauf! Felizmente que o destino não fez o sr. J. P. B. condutor de povos... Que, de mais a mais — éle também é pintor...

**LIVRARIA ECLECTICA**  
LIVROS NOVOS E USADOS  
Compra grande e pequenas bibliotecas  
Calçada de Coimbra, 58 — LISBOA

**Ajustar contas...**

(Continuação da página 11)

As contas ajustaram-se no sentido irónico da frase, mas há, pelos vistos, quem continue a considerá-las em aberto. E, talvez por isso, não devemos estar longe de assistir a este espectáculo desolador: — após tantos anos de guerra, as nações prepararam-se para aproveitar a paz incerta que o mundo vive, para ajustar as contas — as tais contas que, afinal, ocasionaram a luta, a destruição e a ruína!





# HISTÓRIA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CAPÍTULO XXVIII O DRAMA DE TOULON

**D**AS restantes mensagens recebidas pela esquadra francesa, nas vésperas do seu afundamento, vale a pena reproduzir, pela sua importância e pela luz revedora que lançam sobre os factos que se preparavam, as do almirante Laborde, comandante-chefe, e do seu camarada Marquis, prefeito marítimo de Toulon. A do primeiro era concebida nos seguintes termos:

«A despeito dos boatos absurdos espalhados por agentes estrangeiros, a praça forte de Toulon não foi ocupada e conservava-se, como as forças navais de alto mar, inteiramente sob o comando das autoridades da marinha de guerra francesa.»

Esta situação deve-se exclusivamente ao sentimento de admiração que as autoridades militares do Elxo tem inspirado a conduta heróica dos nossos camaradas da 2.ª esquadra ligeira francesa, que tem as suas bases na Argélia e em Marrocos. Estes elementos souberam conservar-se fides à palavra dada, não se importando com os sacrificios que a sua attitude lhes acarretava.

As autoridades do Elxo pediram-me e ao almirante Marquis que acetásemos o testemunho da sua admiração. Que esta situação se mantenha ou seja modificada, depende exclusivamente de vós. Uma disciplina inquebrantável e uma postura militar irrepreensível, são para todos um dever imperativo, tanto na terra como no mar. Exige-o a memória dos nossos camaradas que tomaram no campo da honra.

Perante o marechal tornei-me o intérprete dos vossos sentimentos e o garante das vossas attitudes. Estive hoje com ele e encareço-me de vos dizer que contava inteiramente convosco, para salvar a honra e a unidade da nação. Julgo que todos saberão compreender conscientemente qual é o seu dever.

O almirante Laborde, ao transmitir numa linguagem de franca compreensão pelo procedimento das potências do Elxo, as felicitações dos alemães e italianos, aproveitava o ensejo para significar que, acontecesse o que

acontecesse, eram as ordens de Pétain que seriam cumpridas. Ora essas ordens, ninguém o ignorava entre as equipagens, eram para afundar os navios no caso de qualquer tentativa de ataque por parte dos alemães que estavam às portas de Toulon.

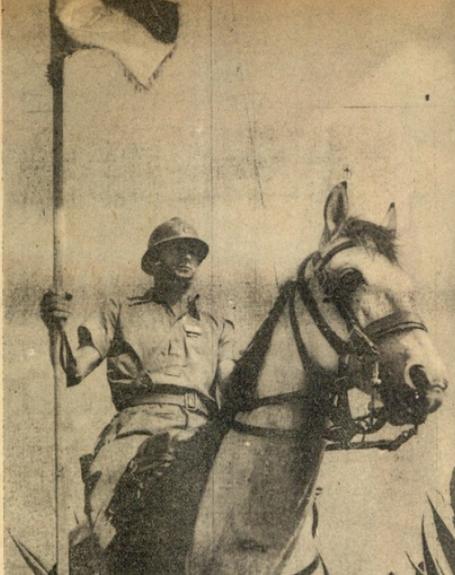
#### PALAVRAS DO ALMIRANTE MARQUIS AOS OFICIAIS E AS EQUIPAGENS DA ESQUADRA

A mensagem do almirante Marquis aos oficiais e às equipagens da esquadra dizia o seguinte:

«Os governos alemão e italiano pretenderam que a praça forte de Toulon não fosse ocupada e que a sua defesa ficasse confiada ao comando de marinha de guerra francesa. Acetaram, igualmente, o princípio de que as forças que se encontram subordinadas a esse comando não lutarão, em circunstância nenhuma, contra as potências do Elxo e defenderiam Toulon contra qualquer ataque das potências anglo-saxónicas ou de elementos franceses considerados seus inimigos. Esta garantia foi-lhes dada sob a palavra de honra pelo almirante Laborde.»

O território da base naval de Toulon continua nessas condições a conservar-se livre e sob a autoridade da França. A sua defesa encontra-se exclusivamente confiada à nossa marinha de guerra. Esta não tem qualquer aspecto de subordinação a outro comando estrangeiro.»

A linguagem empregada pelo almirante Marquis apparecia ainda mais calorosa, quando tinha de se referir às potências do Elxo, do que aquella que vinha empregada pelo seu camarada Laborde. Mas esse facto não invalidava as realidades que não eram, de maneira nenhuma, favoráveis para a Alemanha e para o seu aliado italiano. A comédia que estava a representar-se, qualquer que fosse o grau de convicção dos seus comparsas, não iludiu nenhum dos interessados, pois todos sabiam



Um soldado do regimento de Caçadores de África, do exército da França

bem o que se preparava e o que não deixaria de acontecer, no caso duma tentativa das forças de occupação para se apoderarem da esquadra pela força.

A dois dias do drama de Toulon, cada uma das personagens que nelle deviam intervir activamente, dando ordens ou cumprindo-as, sabia muito bem o que tinha a fazer. Nem os alemães se iludiam, depois do que se passara no Norte de África, sobre as verdadeiras intenções dos franceses nem estes últimos desconheciam, por muito profundas que fossem, as suas patóches e as suas divições, de que lado estava, já a essa hora, o verdadeiro interesse da França.

#### A CARTA SENSACIONAL EM QUE O CHANCELER DO REICH ANUNCIAVA A PÉTAIN A INTENÇÃO DE OCUPAR A BASE NAVAL DE TOULON

Numa carta dirigida ao marechal Pétain, no momento em que dava ordem para que as tropas alemãs penetrassem na área de Toulon, o chanceler do Reich explicava profu-

samente as razões que o levavam a adoptar esse procedimento, escrevendo o seguinte:

«O desembarque de tropas americanas e inglesas no Norte de África fez-se de accordo com numerosos officiaes traidores franceses, que assim rasgaram as cláusulas do armistício. Esse facto levou a Alemanha a adoptar as medidas de segurança e a pô-las em pratica de accordo com os seus aliados.»

Em 11 de Novembro, quando determinei a adopção dessas medidas, eu não estava ainda ao corrente de todas as condições em que se verificara a traição a que me refiro nesta carta. Hoje sei, e V. Ex.ª também o sabe, que a occupação do Norte de África se fez por desejo expresso desses elementos, os meos que já levaram a França para a guerra e que ainda não desapareceram da sua vida official e, sobretudo, da sua carreira militar. Que generalis e almirantes franceses tenham fallado a — o que se verificou em numerosos casos — é lamentável. Mas lamentável vel é, porém, que além de fallarem

(Continua na pág. 15)



Este soldado americano procura fazer-se comprehender por um seu camarada francês.



Um transporte aliado entre ao porto de Alcaç, capturado por um piloto francês.

Um aspecto do lago de Fogo

# IMAGENS DA CIDADE MORTA DE PONTA DELGADA DA ILHA VERDE DOS AÇORES

## Por CASTRO SOROMENHO

Porto da Igreja matriz de Ponta Delgada

UMA torre, alta e quadrada, domina a cidade. Em frente, erguem-se as «Portas do Mar», duas torres altas e sobre no céu branco, sempre sujo, um rolo de fumo. O vento enfrousa as velas de um late que ruma para as Ilhas do Oeste. E um homem grita um adeus para os que ficam em terra.

As «Portas do Mar» estão sempre abertas, mas não é por elas que se entra na cidade de Ponta Delgada. Os «casalhões» que nos trazem do vapor detexam-nos num pequenino cais, com uma guarda de guardafium no topo. Por uma escada de pedra vamos para a rua onde está a Alfândega, com abrigo para uma dúzia de pessoas e um balcão para seis malas. A bagagem fica fora, numa rua ao lado da Alfândega, feita sol ou chuva. Carregadores e mendigos disputam trabalho e esmoias.

As «Portas do Mar» só dão acesso à cidade em dia de S. Vapor de turistas e quando chegam autoridades gradadas do Continente. Mas dentro em breve, quando os interrompidos trabalhos da Docca estiverem concluídos, as «Portas do Mar» nem para isso servirão. Mas será em breve? Há mais de vinte anos que essa brevidade está anunciada.

A porta dos cafés, o líbhu dá fé de quem chega. Um garoto fura por entre carros de bois e vem pedindo um tostão. Vendedores de fava torrada vendem sem oferecer, amorrinhados em bancos, defronte de taboleiros.

Em frente da «Terra Nostra» — Rua de Turismo — um negro velho fuma o seu cachimbo. Há quantos anos deste negro pendido o navio e se deixou ficar nesta ilha de bruma? — pensamos.

— E um colono! — disseram-nos. — E logo veio a história dos negros que trouxeram ao engano para colono o Labacal, lá no rabo da ilha. Poucos restam dessa aventura. Mas isso é uma história longa e negra que um dia hei de contar.

Nas ruas que dão para o Largo da Matriz, que é a entrada da cidade, passam carros de bois e carros de cavalos. E mendigos, que foram camponeses e pescadores, marinheiros de todos os mares e cultivadores de florestas nas Bermudas, pastores nas Montanhas Rochosas e vendedores de leite na Califórnia, somam com o plão de milho que não têm, com as moedas atiradas pelo turista que não

chega — e pedem, pedem sempre por Deus e pelas crianças de Cristo.

Estamos em S. Miguel dos Açores — a Ilha Verde dos cartazes de turismo. E a cidade de Ponta Delgada é a sua sala de recepção.

Ilha Verde, Turismo, Sete Cidades, Furnas. Lagoas de sonho no alto das montanhas, encochadas em bocas de vulcão, sem estradas de rodagem. Paisagens de sonho... Automóveis e cabelos loiros soltos ao vento. Turismo, Jardins, Flores, flores, flores! Bordados, Folclore. Tradição. Turismo.

E os líbhus somam com a terra longe: «Santa América! Bermudas, Hawaii, Brasil... E a Califórnia no coração de todos. Dólares, «Santa América», Dólares.

S. Miguel dos Açores — a Ilha Verde, Turismo! Civilização? Um século de atraso sobre o Continente.

E entro na cidade. Saem do largo onde se ergue a torre, ao lado da Igreja Matriz, de portas manuelinas, as ruas estreitas. Irregulares, com casas pobres e felas, aqui e ali uma moradia apalçada do tempo dos morgados. Pobreza e desleixo — nas casas, nas ruas e na gente.

Camões de fábricas, cruzeiros de igrejas e arcaucas apontam ao céu enublado. De um lado e do outro, montanhas. Ao fundo, mais montanhas. E sobre as montanhas e suas belas paisagens, um céu de brumas. O Observatório Afonso Chaves informa: «Em valores médios de 30 anos (1901-1930), por cinco dias limpos houve 282 nublados e 78 encober-tos». Turismo...

Sigo ao acaso. Carros de bois, carraças de cavalos, carrinhos de carneiros e gente de pé descalço enchem as ruas. Buzinam automóveis. Gente que entra e sai das lojas.

E nas portas dos cafés, rapazes bronzados, com terras arrendadas aos americanos das Ilhas. Noivas esperam nos solares arruinados.

S. Miguel dos Açores. Cento e cinquenta mil almas, em noventa quilómetros de comprimento e catorze na sua maior largura. Aldeias de

camponeses e pescadores. Casas de balcão negro e muitas cobertas de palha. Estradas com altos muros a barrarem o horizonte e chelas de pó. E hortênsias azuis e brancas em todos os caminhos.

Ponta Delgada — sala de visitas dos turistas da Ilha Verde... Trinta mil almas. Povo de pé descalço, como nas aldeias. Jardins públicos sem flores. Estatuas que são manzarrachos. Hotéis sem hóspedes, à espera dos turistas americanos. Bares sem compradores. Os americanos... Ruas cheias de bosta. «Terra Nostra». Hospitais sem camas. Catorze mil tuberculosos, registados. Ruas com nomes de homens ilustres: Antero do Quental, Roberto Ivens, Hintze Ribeiro. Casas baixas e felas, com divisórias de tabiques, sem água, sem higiene, pegadas umas às outras.

Lojas com montras pejudas de vidro que há nas praticéiras. Bordas para o turista que não vem. Botas para o povo que as não usa. Sédas para as meninas que não saem de casa.

Um cinema para meia dúzia de pessoas e outro para uma multidão. Prostições em todas as ruas aos domingos e dias santos, em que ninguém trabalha. Gente ajoelhada à porta das igrejas e conventos. Uma velha de capote e capêlo ao virar de uma esquina. E soldados sentados nos bancos do Campo de S. Francisco, onde Antero se matou, somam no regresso ao Continente.

E sempre os carros de bois e as carraças a clarearem de sol a sol, carregando as riquezas da terra. Ananases, beterraba, tabaco, chá, milho, inhame, favas, trigo.

— A nossa terra tem de tudo, tudo! Não precisamos de nada.

Nos Arcos da Cidade, abertas sobre o mar, os líbhus contemplam há muitos anos que se abram as portas da América ao emigrante. «Santa América»...

Correm os tapais das lojas. Apitam as fábricas e as ruas enchem-se de

Carrocinha de conheiro, que crianças conduzem, através do cidade.

gente. Mulheres de chapéu e humana de casaco ao ombro, chapéu puxado para os olhos, todos descalços e vestidos de escuro, largam da cidade para as aldeias. O último carro de bois roda ao longe. Acendem-se as luzes nas ruas e nas casas. E eles ladram nos quintais.

Nevoeiro na ilha e no mar. Silêncio e fédo, na terra e nos homens.

Como são tristes estas arcaucas, agora que a noite tombou sobre a cidade morta de Ponta Delgada.

A voz arrastada de um bêbado rolou da taberna para a rua. Vinho de chetro e cantigas tristes. Mas ninguém briga. Sangue na ponta das navalhas nunca é visto pelo micalense. Só em velhas histórias se fala de homem assassinado.

Agora que a noite chegou, o povo está a comer couves afeitadas, nos casebres das aldeias e na cidade. Um quartilho de leite ao levantar, plão de milho e malagueta em salmoura ao almoço e couves afeitadas ao jantar — e o camponês faz o seu dia, cavando com enxada de cabo curto de sol a sol.

E a rapariguinha que foi trabalhar à fábrica de tabaco, vinda das Relvas ou dos confinados dos Arrifes, entre dois e dez quilómetros por estradas poeirentas, entrega à mãe do diário escudado do seu salário órfão e tomba no catre, cansada e de pés gripados, morta de sono.

O bêbado calouse-se. Camponeses somam com a «Santa América».

— Não há povo mais humilde que o nosso. Gente sé e trabalhadora. E como é sóbrio!

Peçam-se as portas dos cafés. Aqui e ali uma luz e vultos que se cruzam e logo desaparecem. E um polícia sonolento encosta-se a uma esquina.

A porta da sua casa, na rua deserta, o comerciante Socrates Cícero ouve tocar piano — música de Beethoven — e fica danado. Socrates Cícero só gosta de modinhas na gramofona.

Socrates Cícero deixou de ouvir o piano e quedou-se, encostado à cantineira, a sonhar com uma estufa de ananases. Todos somam com estruturas de ananases.

— A nossa terra tem de tudo, tudo! Não precisamos de nada.

Nos Arcos da Cidade, abertas sobre o mar, os líbhus contemplam há muitos anos que se abram as portas da América ao emigrante. «Santa América»...

Correm os tapais das lojas. Apitam as fábricas e as ruas enchem-se de

Empregados das Fábricas de Tabaco de S. Miguel

As famosas lagoas dos Sete Cidades

Um aspecto do cidade de Ponta Delgada, quando se as Portas do Mar e nos Arcos da Cidade.



# O Presidente Truman É UM HOMEM SIMPLES!



Truman fez 61 anos. Aqui o vemos cortando o seu bolo de aniversário — mas um bolo sem velas, que eram precisas muitas... Isso das velas só interessa, afinal, às senhoras, que sempre se consola com o bolo duas ou três velas a menos...



Um pescador de Seattle enviou este grande salmão ao Presidente. E Truman, exhibe-o, radiante, ao fotógrafo.



Truman e o seu barbeiro. Scríem ambos, que o barbeiro é falador, conta boas anedotas e o Presidente também precisa do sedivertir. Por tudo quanto se mostra neste página, não nos parece exagero afirmar que Truman é um homem simples, o que, aliás, não fica mal ao seu lugar de Presidente da grande nação americana!...

O Presidente Truman, que a morte de Roosevelt fez subir, inesperadamente, à mais alta magistratura da nação americana, é, como o seu antecessor — como todos os seus antecessores — um homem simples.

Os seus hábitos são o de qualquer cidadão americano, e a sua vida íntima é uma aguarela de suavidade, a contrastar, certamente, com o bulício da vida política.

Os americanos respeitam-no e admiram-no. E lá nem param, a olhá-lo, quando por êle passam na rua, mesmo que o vejam a pé... É o costume...



Mrs. Martha Truman, de 92 anos, vouu, pela primeira vez, de Independência a Washington, para ir ver seu filho a Casa Branca!



Há poucas semanas, quando foi para férias, o Presidente foi buscar a uma gaveta este velho esvanteiro e não teve dúvidas em usá-lo na conferência da Imprensa!



NA CIDADE  
NO CAMPO  
NA PRAIA

## As MALHAS LOCITAY

Revelam a distinção e o bom gosto das pessoas  
À VENDA NAS MELHORES CASAS

## O soldado FLIT bate-se em tôdas as frentes!



**S**OLDADOS doentes não se podem bater! Flit defende a saúde dos soldados das Nações Unidas, contra os ataques dos malignos insectos que espalham doenças, mesmo a morte; que contaminam os alimentos, impedem o sono e o repouso.

Podem também confiar a Flit o encargo de lhe conservar o lar livre de moscas, mosquitos, percevejos e outros perigosos insectos.

Continue a pedir Flit e exija verdadeiro Flit. Não aceite substitutos.



# FLIT

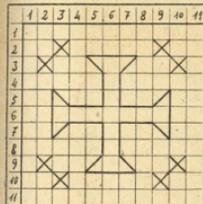
Devido à guerra, Flit vende-se em frascos e latas. Lembre-se que se o soldado não estiver no embalagem, não é Flit.

Na guerra como na Paz, Flit é o insecticida que mata sempre.

# PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 38

Por Nicolau F. Telo de Moraes  
(Viseu)



### ENUNCIADO

**HORIZONTALS:** 1—Instrumentos para demonstrar a pressão do ar. 2—Carta de jogar; roca; letra grega. 3—Ermo; moeda chinesa. 4—De fogo; metal de p. escuro (inv.). 5—Nome duma letra; símbolo químico do antimônio; único; nota. 6—Disparata (fam.); lustano; prefixo. 7—Ligação (inv.); mulo; nota; porco (inv.). 8—Réde de embanhar; mana. 9—Bétele (inv.); tristeza (inv.). 10—Cuidado; plantio de amielros; tumor. 11—Basenarim.

**VERTICAIS:** 1—Defeito na língua do qual resulta dificuldade de falar. 2—Indivíduo de grande valor; interno; outra coisa. 3—Símbolo químico do estanho; fútil. 4—Instrumento musical (pl.); cortam rebentos (a plantas) (inv.). 5—Abreviatura de senhores; as duas primeiras letras do alfabeto; povoação do distrito de Aveiro; em meu interesse. 6—Entre nós; protecções; travar. 7—Nota (inv.); artigo definido (pl.); confluência; príncipe persa (inv.). 8—Antigo manito usado pelos gregos; caustica. 9—Avançar; prefixo designativo de direcção. 10—Pedra de lagar (inv.); conetelação austral; fracca. 11—Conservarim.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 37**

**HORIZONTALS:** 1—Sacrificariam. 2—Olatas; ateva. 3—Nanam; armar. 4—Ovas; ave; aort. 5—Ras; soado; sel. 6—Im; aç; fs; ar. 7—Arar; alar. 8—Ad; el. 9—Vés; saavi; ara. 10—Atar; ama; afir. 11—Alôvel; allal. 12—Onegac; Almad. 13—Salitiriamos.

**VERTICAIS:** 1—Sonorizavas. 2—Alavam; retoma. 3—Canas; savel. 4—Rias; ara; regi. 5—Iam; soada; lat. 6—F; ao; sa; sr. 7—Ovar; rimo. 8—Ox; ed; vé; ar. 9—Ar; al; 10—Rera; sal; arma. 11—Iamoc; aifam. 12—Avarac; triado. 13—Martiriam.

# PALAVRAS TROPOLÓGICAS

Dados etiológicos para a decifração e resolução dos problemas de PALAVRAS TROPOLÓGICAS, nota modalidade de enigma

Para a determinação desta nova modalidade de enigma, há que ter em vista o seguinte:



O senhor que foi à roleta pela primeira vez: —Jogo mil escudos no negro!



—Gostas mais de gatos ou de cães? —De gatos —esper de não me estarem muito bem no estômago!

# PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês, 96, da Bandeira, 100-3, LISBOA

Conforme o enunciado determinar, a palavra respectiva ao seu sinónimo colocar-se-á na linha horizontal do número pedido, para a esquerda ou direita do traço negro colocado ao centro do quadro desenhado.

Contudo, examinemos o exemplo a seguir exposto, pois nos transportar, à plena compreensão do problema.

Suponhamos que no problema, se nos apresentam estas duas palavras:

COAR — AROU

Certos que, de cada uma destas palavras tem que sair uma letra, vejamos como esta é tirada.

Para se encontrar a letra que se vai colocar no primeiro quadrado da coluna do lado esquerdo, há apenas que atender ao seguinte: verifica-se qual a letra da palavra do lado esquerdo (neste caso a palavra COAR) que não figura na do lado direito. Observando com atenção, vemos que é a letra C, e uma vez assim, é precisamente esta letra que vai ser posta no quadrado da coluna esquerda.

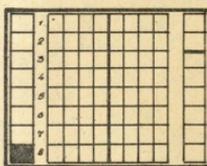
Para acharmos a letra para a coluna do lado direito do problema, procede-se precisamente da mesma forma, mas inversamente, verificando-se qual a letra da palavra do lado direito que não está na esquerda, que, neste caso, observamos ser o U.

Fazendo esta operação diversas vezes, conforme as pedidas no enunciado, teremos ao fim (tendo unicamente as duas colunas) o nome de uma grande personagem da nossa história.

### PALAVRAS TROPOLÓGICAS

PROBLEMA N.º 1

Por Eso) Rapag



### ENUNCIADO

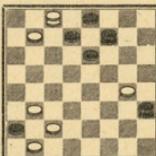
- 1—Observa—Falar.
- 2—Gratuito—Parte da mão ou pé.
- 3—Circulo—Acto de podar.
- 4—Qualquer coisa que—Trinco.
- 5—Metal precioso—Resido.
- 6—Comet à noite—Jorro abundante.
- 7—Lugar de desembarcar—Desala.
- 8—Baba—Qualidade.

# DAMAS

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 35

Por Luis António David  
(Lisboa)



Jogam as brancas e ganham em cinco lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 34

6-10	22-27	21-26	7-12
20-13	31-22	22-29	8-15
4-7	9-18	17-26	1-14
18-4	4-21	29-22	19-10
	3-11		
			ganham.
			P.

1.º CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

(Continuação)

Resultados da 1.ª Eliminatória

Série M

Vencedor: António da Costa Santos (Romelra — Santarém).  
Eliminados: David Godinho (Ovar), José Maria Amaro (Vila do Conde) e Ernesto Lopes Frade (Pernes).

Série N

Vencedor: Arnaldo Flores Raposo (Beja).  
Eliminados: Jorge Granés (Lisboa), Alfredo José Gonçalves Pereira (Melgao) e Joaquim José de Sousa (Rebordões — Santo Tiraz).

# XADREZ

PROBLEMA N.º 13

Por Oscar Pires de Carvalho  
(1945 — Lisboa)

Preta 10.



Brancas 7.

Mate em dois (2) lances.

# CHARADAS

Por Nicolau F. Telo de Moraes

(Viseu)

SINICOPADAS

- 1) Podes ser musculoso sem ser despero. — 3-2
- 2) Afinal é cor de carmin ou cor de carne? — 3-2
- 3) Para evitar a esfoliação cutânea usa uma cobertura. — 3-2
- 4) Se sabes bem a opereta celebra em verso. — 3-2
- 5) Um pedaço de pó molhado cura esse endurecimento nos ossos fraturados. — 3-2
- 6) Se é relativo ao célon nunca pode ter a forma de copo de fôlha com asa. — 3-2

SOLUÇÕES DAS CHARADAS PUBLICADAS NO N.º 228, DE 27/9/45

- 1) Lagos. 2) Jacinto. 3) Jamanta. 4) Lígula. 5) Pedouro.

### O LIVRO DO MOMENTO

# A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra  
Por RAFAEL MARÇAL

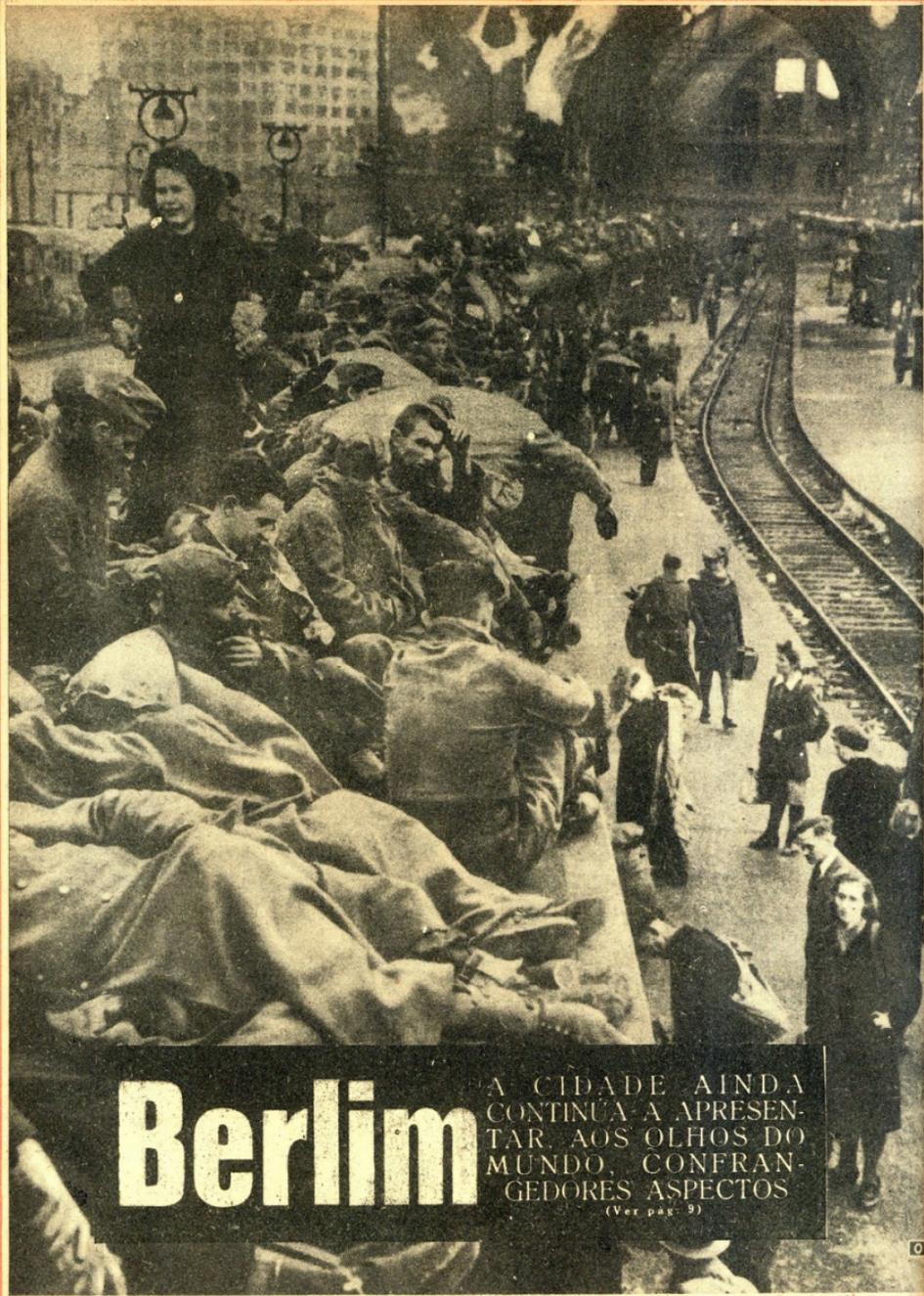
A venda em todas as livrarias  
Uma magnífica edição  
de «VIDA MUNDIAL»



—Então o teu pai gostou de fazer a conferência? —Muito! Foi a primeira vez que falou durante uma hora sem a mamã o interromper!



A SENHORA: —Viz? O pretinho está muito muito limpo que tal? —Que grande favor! Só tem dois meses!



# Berlim

A CIDADE AINDA  
CONTINUA A APRESEN-  
TAR, AOS OLHOS DO  
MUNDO, CONFRAN-  
GEDORES ASPECTOS

(Ver pag. 9)